O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO
J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ano 4$600 reis; semestre: 2$350; trimestre 1$200; avulso 50 reis. COM ESTAMPILHA: ano 5$140; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS
Sabado 2 de outubro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:528

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.ta Anne, 51.bis

SUMARIO:—O PARTIDO PROGRESSISTA.—NEGOCIOS DE HESPANHA.—GUARDA FISCAL.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—FOLHETIM, A' BEIRA-MAR, *por Luiz de Magalhães*.—NOVAS DE LONGE.—A MULHER EM ROMA, *por Marques Gomes*.—FOLHETIM, O SOLAR DE LONGROIVA, *por Abel Acacio*.—CORREIO DO SUL.—ARABESCOS E MINIATURAS.—PARTE OFICIAL.—TELEGRAFIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

O PARTIDO PROGRESSISTA

Atacam-no com o insulto. Fingem ignorar a folha dos serviços que tem prestado ao paiz e á liberdade. Escondem a is[illegible] para o cobrirem de baldões. Não discutem os seus átos, nem sequer atentam na improficuidade do esforço. Argumentam com o esconjuro. Jogam de arremeço a chuta, recorrendo ao doesto grosso e á insinuação desastrada, como fizeram nas trovas de João Saloio. E se lhes esmerilham a geneologia, e se remontam a origem do agastamento que destoa da docilidade dos costumes publicos, hão de dar-se por ofendidos, conclamando que procuram amordaçal-os por meio da diatribe e da injuria. Um verdadeiro cumulo.

Quem são porém os que não discutem, mas que insultam, como se em toda a sua vida não tivessem feito outra cousa? D'onde vieram os Aristarchos, que assim esquecem a missão civilisadora que compete á imprensa, para darem largas ás paixões, que denigrem e rebaixam os homens e os partidos?

Foram regeneradores, e como se se déssem mal com os ares que por lá se respiravam, fizeram-se constituintes. Mas o ser constituinte não dava pastas, e visava-se a um logar nos conselhos da coroa. E quando o sr. Dias Ferreira, não podendo já refrear a ambição dos seus apaniguados, cedeu ao sr. Fontes o melhor do seu casal, lá se passaram com [illegible] e bagagens para a regeneração.

E para conseguirem o resultado que meios empregaram? Declarando *urbi et orbi* que a politica da regeneração era a politica de serralho, o que era lançar sobre a corôa o pregão de descredito, ao fazer suspeitar dos meios que empregava para a realisação do seu programa. Arrastando o sr. Fontes e o seu partido pelas ruas da amargura. Dizendo de um e de outro o que nunca os progressistas chegaram sequer a imaginar. E depois de uma retratação tão cabal, após as reconsiderações que nunca se explicaram dignamente, vem agora a diatribe contra os progressistas, só porque eles administram com aplauso publico, emquanto os seus antecessores fizeram ditadura para favonearem interesses ilegitimos, apadrinhando escandalos de polpa, que nunca alcansaram justificar-se.

O pecado maximo para os Aristarchos da ultima ora, é terem os progressistas proposto a concessão de cem contos de reis para as festas do casamento do principe real, aumentando-lhe a dotação em mais vinte contos! Mas que monarquicos são esses, que depois de votarem aquelas propostas ministeriaes, vem a publico impugnal-as, renegando os seus proprios átos? Não queriam festas, ou queriam-nas mesquinhas, e taes que deslustrassem o povo e o rei, tornando-se alvo dos motejos da Europa? Eis o modo por que concorrem para o prestigio da monarquia, os que *ainda ha poucos* mezes sobraçavam a pasta, envergando a farda bordada, para como palacianos frequentarem a côrte e servirem o rei como seus ministros responsaveis!

Recorrem ao agravo, falseando as instituições, balbuciando desculpas, e aludindo ao que se publicou em tempo n'uma parte dos jornaes politicos, a proposito das apreciações apaixonadas aos átos da realeza? Mas se reconhecem que o meio não se coaduna com a verdadeira dôtrina constitucional, para que o adótam de novo, memorando ainda que vagamente as referencias á politica de serralho?

E todavia quando uma parte da imprensa progressista recorreu a esse meio, era no fim de uns poucos de anos de malversações regeneradoras. A indignação publica ia subindo de ponto. E o fáciosismo politico dava largas á incontinencia, permitindo aos outros considerações que iam de encontro á santidade dos principios. Mas ainda assim, a regeneração não podia atirar a pedra, porque havia antes d'isso injuriado a realeza ao escrever—«que ela andava emparceirada com a canalha a tocar zabumba pelas ruas de Lisboa»—como disse a *Revolução de Setembro*.

E os Aristarchos abandonaram ainda ha poucos mezes as pastas, e já os devora a febre da ambição, espicaçando-lhes os nervos, e impelindo-os a insultar não só os adversarios, como tambem o chefe do estado, que segundo a constituição está fóra das apreciações da politica militante, porque paira n'uma região defeza á corrente das paixões, sendo por tanto irresponsavel e sagrado!

O partido progressista é um partido de principios, e por amor d'eles tem-se por vezes sacrificado. Pode transigir uma ou outra vez quanto ás regras disciplinares; com cousas pertencentes ao dogma é que ele nunca transigiu, nem transigirá. Quer, como está provado, o esplendor da monarquia, porque é monarquico, e vê na realeza a suprema magistratura da nação. Mas com o seu procedimento respeita as tradições, e segue o exemplo de chefes ilustres, que são hoje pó.

Não se arreceiem pois os nossos adversarios, nem pensem que os seus esconjuros podem afrontar o partido progressista. Governo ou oposição, ele saberá desempenhar sempre com dignidade a sua missão constitucional, honrando a Deus, a patria e a liberdade.

NEGOCIOS DE HESPANHA

Abortou o movimento revolucionario, [illegible] que no visinho reino a causa republicana não tem as simpatias da nação. O brigadeiro Vilacampa, preso com as armas na mão, vae ser julgado pelo conselho de guerra. Ser-lhe-ha aplicada a pena de morte. Foi vencido, e a lei é inexoravel.

Em volta, porém, da regente e do governo agitam-se as almas generosas, procurando salvar aquela cabeça, e evitando que o sangue derramado salpique no berço o rosto angelico do futuro rei. São os principes da egreja, são as senhoras da primeira sociedade, são os homens importantes da politica e da administração. E no entretanto a rainha regente visita as viuvas inconsolaveis de dois valentes cabos de guerra, que sucumbiram ás mãos dos sublevados na terrivel noute de 19 de setembro. E elas, as nobres doloridas, suplicam-lhe tambem que não ensombre o seu nome imaculado com a nodoa indelevel dos súplicios, recorrendo aos sentimentos levantados da viuva de Afonso XII.

O presidente do conselho, sr. Sagasta, ainda nada respondeu ás suplicas reiteradas que lhe téem sido dirigidas. Os seus colegas no ministerio tambem guardam silencio, a fim de não se comprometerem com expansões que os fátos podem prejudicar. E' portanto um problema dificil da politica hespanhola, a sorte de Vilacampa e seus companheiros de infortunio. Vencidos pela adversidade, a todos inspiram compaixão.

Na verdade, que a *dinastia* ganhará imenso deportando os vencidos, em vez de os fazer fuzilar, porque a sua morte não servirá de exemplo, e será um triste precedente para o futuro reinado.

Não aterrou os revolucionarios hespanhoes o fuzilamento de Leon, nem o de Ortega. Prim em 1866 sublevou-se contra a rainha, teve de emigrar, e em 1868 tornava a revolucionar-se contra ela, batendo-a em Alcolêa e expulsando-a do trono e das terras da patria. Já se vê que os fuzilamentos não contéem o espirito revolucionario d'aquele povo. E' ele irrequieto por indole. Nada o amedronta. Vencido hoje, levanta-se logo, para tornar á carga. Exatamente como Prim. E em nada melhora a causa da monarquia o cobrir de sangue a sua crónica. Vale mais a indulgencia.

Se a rainha poder resistir aos conselhos da politica intransigente, facilitará os primeiros passos a seu filho, em cujo nome se pleiteiam interesses que ele de certo só muito tarde comprehenderá. E no entretanto o sr. Sagasta provará com a sua cordura que é um eminente homem d'estado, conciliando os deveres e as responsabilidades do cargo com os sentimentos de humanidade, que não podem pôr-se de parte, ainda mesmo quando se dirigem os destinos de uma grande nação.

Oxalá que o exemplo da clemencia faça abrir os olhos a todos os partidos, e que a Hespanha não torne a passar pela vergonha de dar rebate na Europa com as sedições da cazerna, que são a peor peste que tem assolado o povo d'aquela parte da peninsula.

GUARDA FISCAL

A reorganisação, em novas bases, da guarda fiscal, determinou a necessidade de alterar algumas das regras e preceitos estabelecidos no decreto regulamentar de 4 de junho. O sr. ministro da fazenda, para remediar o inconveniente, submeteu á assignatura do principe regente um decreto, que tem a data de 20 do corrente, e em que são substituidos, pela fórma que vamos transcrever, os artigos 9.º, 10.º, 11.º e 16.º d'aquele regulamento:

Art. 9.º Instruções especiaes determinadas pelo diretor da alfandega, sob proposta do chefe de serviço da 1.ª repartição, fixarão os deveres e atribuições do pessoal em serviço da competencia da mesma repartição. Estas instruções deverão ser comunicadas ao comando geral da guarda fiscal, para serem publicadas no boletim da mesma guarda.

[illegible] pessoal da guarda fiscal a quese refere o artigo 6.º n.os 2.º e 3.º, ficará subordinado no que respeita ao serviço fiscal ao chefe de serviço da 1.ª repartição, e na parte disciplinar e administrativa aos comandantes do batalhão e das respetivas companhias.

Art. 11.º As licenças registadas do pessoal da guarda fiscal em serviço da competencia da 1.ª repartição serão concedidas:

1.º Aos oficiaes ou empregados adidos á guarda fiscal, pelo ministro da fazenda, quando excederem a trinta dias, e até este periodo de tempo pelo comandante geral da guarda fiscal.

2.º A's praças de pret pelo comandante geral da guarda fiscal, quando excederem a trinta dias, e até este periodo de tempo pelo comandante do batalhão.

§ 1.º Os requerimentos para licenças a que se refere este artigo serão remetidos pelo chefe de distrito, depois de devidamente informados pelo chefe de serviço da 1.ª repartição, ao comandante da companhia para terem o destino devido.

§ 2.º As pretensões de qualquer outra natureza dos empregados adidos e das praças de pret em serviço na alfandega, serão remetidas ao comandante do batalhão pelo respetivo comandante da companhia depois de as informar devidamente.

Art. 16.º O chefe da 1.ª repartição designará os empregados do quadro interno que devem coadjuval-o no serviço de ronda superior.

§ 1.º Aos empregados do quadro interno, que desempenharem o serviço de ronda superior, será abonada a gratificação designada no artigo 4.º c da tabela n.º 7, anexa no decreto n.º 3 de 17 de setembro de 1885.

§ 2.º O comandante da companhia fará o detalhe, de acordo com o chefe da 1.ª repartição, dos empregados adidos da guarda fiscal que deverem fazer o serviço de ronda ordinaria e as horas a que este deve ser efetuado.

§ 3.º O servido prestado pelos empregados a que se refere o paragrafo antecedente não dá direito a gratificação de qualquer especie.

§ 4.º Os em[illegible]gados [illegible]didos da guarda fiscal detalhados para ronda ordinaria deverão entregar ao chefe da 1.ª repartição, no dia imediato áquele em que executarem o serviço, participação das horas a que rondaram os diferentes postos e de quaesquer ocorrencias relativas ao serviço fiscal e ao comandante das companhias tudo que se relacione com a parte disciplinar.

§ 5.º O comandante da companhia deverá rondar amiudadas vezes os diferentes postos para se certificar de que são cumpridas pelos seus subordinados as instruções e ordens que forem estabelecidas sobre o serviço fiscal.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Regressou da praia d'Espinho com s. ex.ma familia, o sr. Eugenio da Costa e Almeida, digno juiz d'esta comarca.

— Regressou da mesma praia o sr. capitão de cavalaria 10, João de Barros Coelho de Campos, sua esposa e filhos.

— Partiu ante-hontem para Lisboa com sua esposa o negociante d'aquela praça, e nosso patricio o sr. Antonio Maria Ferreira.

— Regressou d'Espinho o nosso amigo sr. José Maria Pereira do Couto Brandão com s. ex.ma familia.

— Parte hoje para a capital o nosso amigo o sr. Luiz da Silva Melo Guimarães. Deve seguir no paquete do dia 5 para os Açores, a fim de tomar posse e entrar em exercicio do logar de recebedor da comarca de Angra do Heroismo. Boa viagem faça o nosso patricio, e que todas as prosperidades o acompanhem, como nós sinceramente lhe dese[illegible]

— Parte na segunda-feira para Elvas o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Melo Guimarães, digno conservador d'aquela comarca, que veio com sua esposa e filhos, passar com sua familia e amigos da infancia o mez de setembro. Recolhe agora á sua casa do Alemtejo e sabe Deus e mais ele as saudades que leva e as que deixa na terra que lhe foi berço.

— Regressou de Trancoso a esta cidade o sr. major Garcez.

— Partiu para a Costa Nova do Prado o conhecido farmaceutico o sr. Francisco E. da Luz e Costa.

— Regressaram da praia de S. Jacinto com suas ex.mas familias os nossos amigos srs. Elias Fernandes Pereira, professor do liceu, e Severiano Juvenal Ferreira, escrivão de direito; e da barra o sr. Fernando Ribeiro Nogueira, Junior, escrivão de direito.

— Regressou da praia do Furadouro a distinta escritora, hoje nossa conterranea, a ex.ma sr.ª D. Branca de Carvalho.

— Tambem regressou da ilha de Monte-Farinha o sr. engenheiro João Carlos d'Almeida Machado.

— Regressaram ante-hontem da Marinha Grande, e partem brevemente para a Costa Nova do Prado, a ex.ma esposa e filhos do nosso amigo o sr. Manuel Antonio Loureiro de Mesquita. O sr. Egberto de Magalhães Mesquita, engenheiro florestal, vem no uso de licensa.

— Com sua esposa regressou da estação balnear da barra o sr. Manuel José Brandão.

— Acha-se na barra a familia do revd.mo sr. arcebispo bispo do Algarve, o sr. D. Antonio Belo, que foi o ultimo vigario geral da extinta diocese aveirense. S. ex.ª é esperado por estes dias n'aquela praia.

— Chegou a esta cidade a ex.ma sr.ª D. Maria Casimira de Magalhães Machado, que com seu filho, o sr. dr. Edmundo de Magalhães Machado, distinto clinico do hospital da misericordia do Porto, tenciona passar na barra o mez d'outubro.

— Regressou de Satam com s. ex.ma familia, e já está em exercicio de funções, o sr. Alfredo Pinto de Gouvêa Ozorio, tezoureiro pagador d'este distrito.

Posse.—O nosso amigo, o sr. João da Conceição Barreto, escriturario de fazenda d'este concelho, tomou posse do seu logar na quarta feira ultima.

Festa.—Ha tres dias, seriam 9 horas da noite, ouviu-se o estrondear de foguetes do lado do Alboi. Com quanto seja frequente em Aveiro o foguetorio, aquela demonstração de regosijo chegou a causar sensação. Soube-se a final, que era em sinal de alegria, por ter chegado o filho mais velho do sr. João Simões Peixinho, conhecido armador d'esta cidade, que no Panamá esteve para ser vitima da febre amarela. Foi por tanto em ação de graças aquela festa de familia.

Colegio de Santa Joana.—Em virtude das importantes obras de restauração a que se está procedendo no real convento de Jezus d'esta cidade, a abertura do colegio de Santa Joana só terá logar no dia 15 do corrente.

No proximo n.º publicaremos o programa d'esta magnifica casa de educação.

Arrematações.—No dia 9 do corrente vão á praça no governo civil d'este distrito 16 fóros, pertencentes á Misericordia d'esta cidade, sendo 4 impostos em bens sitos no concelho d'Ilhavo e 12 em bens do concelho d'Aveiro.

— No dia 14 andam em praça 21 fóros da Fazenda Nacional, impostos em bens do concelho de Oliveira d'Azemeis, pela extinção do convento de Cucujães.

Trabalho no mar.—Não o houve hontem nem talvez o haja hoje, porque ele se fez bravo. Nos dias anteriores produziu alguma sardinha, que no mercado deu o preço de 1$050 reis o milheiro.

Noticias Diversas

O casamento do principe D. Afonso.—O *Figaro*, depois de desmentir os boatos do casamento do infante D. Afonso, duque do Porto, e segundo filho de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, primeiro com a princeza Luiza d'Inglaterra, filha primogenita do principe de Gales; e depois com uma filha do conde de Flandres, irmão do rei dos Belgas, declara que o unico enlace projetado é de S. A. o infante D. Afonso com a princeza Clementina, filha do rei da Belgica.

A batalha do Bussaco e lord Welington.—Completaram-se no dia 27 de setembro ultimo 76 anos que na serra do Bussaco se feriu a brilhante batalha, em que as forças invasoras de Massena ficaram completamente derrotadas. O exercito anglo-luso era comandado por lord Welington; e por isso vem a proposito extratar a seu respeito, da *Resenha das familias titulares do reino de Portugal*, publicada em Lisboa no ano de 1838, as seguintes noticias biograficas, como faz o *Conimbricense*, d'ondé transcrevemos esta noticia:

Titulos em Portugal—Artur Welesley, 1.º duque de Victoria, 1.º marquez de Torres Vedras, 1.º conde do Vimeiro, grã-cruz de Torre e Espada, marechal-general comandante em chefe dos exercitos aliados na guerra peninsular.

Titulos em Inglaterra—Duque e marquez de Welington; marquez do Douro, conde Welington, visconde Welington de Talavera e Welington, barão do Douro de Welesley, par do Reino-Unido, cavaleiro da Ordem da Jarreteira, *grã-cruz* da do Banho, feld-marechal, coronel de granadeiros da guarda, coronel em chefe da brigada de Rifle, conselheiro privado, condestavel da torre e castelo de Dover, governador, chanceler e almirante de Cinque Ports, lord tenente de Hampshire e da torre Hmlets, chanceler da Universidade de Oxford, comissario do real asilo militar, irmão maior da casa da Trindade, governador de K'ng's College em Londres e de Charter House.

Em Hespanha—Duque de Ciudad Rodrigo, grande da 1.ª classe, senhor do Soto de Roma, cavaleiro da insigne Ordem do Tosão de Ouro, grã-cruz das de S. Fernando e de S. Hermenegildo, e capitão-general dos exercitos.

Nos Paizes Baixos — Principe de Waterloo, grã-cruz da Ordem de Guilherme e feld-marechal.

Na Russia—Grã-cruz das Ordens de Santo André, S. Alexandre Newsky e S. Jorge, e feld-marechal.

Na Austria—Grã-cruz da Ordem de Maria Tereza e feld-marechal.

Na Prussia—Grã-cruz da ordem da aguia negra e feld-marechal.

Na Dinamarca—Grã-cruz da ordem do elefante.

Nas Duas Sicilias—Grã-cruz das ordens de S. Fernando e Merito, e S. Januario.

Na Baviera—Grã-cruz da ordem de Maximiano.

Na Suecia—Grã-cruz da Espada.

Na França—Grã-cruz da ordem do Espirito Santo.

No Piemonte—Grã-cruz da ordem da Anunciação.

Os feitos d'armas d'este ilustre guerreiro, que principiaram na Asia e findaram na Europa, são bem conhecidos. Na sua gloria teve grande quinhão o exercito portuguez. Nasceu a 1 de maio de 1765. Teve dous filhos: o 1.º Artur, marquez do Douro, tenente coronel do exercito, major do regimento de infanteria n.º 5, comandante em chefe e tenente governador de Gurnesey, nasceu em 3 de fevereiro de 1806; o 2.º Carlos, lord, major do exercito e capitão de granadeiros das guardas, nasceu em 16 de janeiro de 1808.»

Faleceu lord Welington em 14 de setembro de 1852.

Nas excelentes—*Memorias historico-genealogias dos duques portuguezes do seculo XIX*, pelos srs. João Carlos Feo Car[illegible] dão a respeito de lord Welington identicas noticias ás da *Resenha das familias*, muito mais desenvolvidas, em relação aos seus descendentes, se diz, com toda a justiça:—«Os anaes da Grã-Bretanha passarão á posteridade os fátos gloriosos da vida d'este seu filho, que foi um dos homens mais notaveis; e na historia da carreira das suas vitorias eles referirão *a parte brilhante que n'elas teve o exercito portuguez, e quanto desenvolveu o seu natural valor e excelente disciplina.*

O pendão da Inquisição.—A'cerca do paradeiro do sinistro pendão da Inquisição de Evora, diz o *Conimbricense*:

«Quando, em 1863 faleceu o bibliotecario da biblioteca publica d'aquela cidade, João Rafael de Lemos, declarou ele pouco antes de expirar, a pessoa na mão de quem o pendão estava, o que era completamente ignorado de toda a cidade.

«Em resultado d'essa declaração conseguiu-se que o sinistro labaro dos autos de fé fosse para a referida biblioteca, onde atualmente se conserva.

«Esse pendão é em damasco encarnado com pesados bordados a ouro. Tem de um lado a figura de S. Pedro Martir (Arbués), de tosco desenho; do outro o conhecido escudo, a cruz ladeada pela espada e pelos ramos da oliveira. Pesadas borlas rematam as compridas pontas do espétaculoso pendão.

«O da inquisição de Coimbra tambem era de grande valor.

«Existirá, porém, ele ainda hoje? E onde?

«Ficará por acaso esse segredo perpetuamente guardado como o rigor de todos os átos do medonho tribunal?»

Conde de Mesquita.—O conde de Mesquita, ha pouco falecido no Rio de Janeiro deixando uma fortuna avaliada em 15:000 contos, era o esmoler mais sumptuoso do grande imperio brazileiro.

Dava esmolas de dezenas de contos sem a menor ostentação, guardando muitas vezes o incognito, que era descoberto pelos seus amigos e contra a sua vontade, e as mais das vezes pela simples intuição do povo fluminense, que sabia que só o conde de Mesquita poderia fazer tão valiosos donativos. Ultimamente para duas festas de libertação de escravos promovidas pela camara municipal, o conde de Mesquita fez chegar ás mãos do presidente da municipalidade dois donativos de 30 contos de reis, que os jornaes chegaram a atribuir ao imperador, sabendo-se depois que tinha sido o ilustre titular o doador de tão elevada soma. A' misericordia e ao asilo de Orfãos deu s. ex.ª por varias vezes 20 e 30 contos. O testamento do conde de Mesquita não foi publicado por ordem expressa do finado, mas consta que os donativos que legou a varios amigos e casas de beneficencia excedem 2:000 contos.

Grande trovoada.—Na semana passada houve na Guarda uma pavorosa trovoada, cahindo duas faiscas em dous pontos diferentes, de que resultou serem cinco pessoas mais ou menos vitimas dos fenomenos eletricos, embora, felizmente, nenhuma d'elas chegasse a perder a vida. Durante uma hora a chuva cahia torrencialmente.

Mercês honorificas.—O *Diario do Governo* de hontem publica as seguintes:

Com o titulo de conde dos Olivaes, em vida, o visconde dos Olivaes, Julio Pinto Leite.

Com a gran-cruz de Cristo, D. Pedro Manjon y Mergelina, subdito hespanhol.

Com a comenda da Conceição, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, cirurgião de brigada da 4.ª divisão militar; coronel José Raymundo da Palma Velho, governador de Cabo Delgado; Antonio Joaquim da Silva Costa, capitão de mar e guerra, e comandante da divisão naval de Africa Oriental.

Com a comenda de Aviz, Alfredo de Lacerda Maia, capitão-tenente da armada, governador do distrito de Timor, Dio[illegible] infanteria 7.

Com o habito da Torre e Espada, Miguel Guilherme Sanchez de Gusman y Noguera, capitão-tenente da armada. Francisco Pedro de Mira Feio Elvaim, alferes da guarnição de Macau e Timor.

Com o habito de Cristo, João José de Sousa Cristino, cirurgião ajudante de infanteria 20; Adriano Correia Outeiro Montenegro, idem de infanteria 9; Albino Moreira de Sousa Batista, idem de caçadores 3; Manuel Antonio Afonso Salgueiro, idem de artilheria 2; João Forjaz Pereira de Sampaio, idem de infanteria 16; Joaquim de Sousa Leal, idem de cavalaria 5; Joaquim Ferreira de Sousa Garcez, idem de infanteria 10; Ivo do Carmo Pedroso Barata, idem de infanteria 11; José Fumega, tenente de infanteria 18; D. José Miura y Fernandez, subdito hespanhol; Charles Groof, subdito holandez; Heinrich von Tyszka, subdito alemão; barão Alfonse de Walcen, subdito sueco.

Com o habito da Conceição, Alexandre de Almeida Barbosa Campos, cirurgião-mór de infanteria 24; Marcelino Hermenegildo Egito Peres, idem de caçadores 4; Joaquim José Pimenta Telo, idem do exercito em comissão no ministerio das obras publicas; Francisco Antonio das Mercês, 1.º oficial da administração militar com graduação de major; Jacinto Julio de Sousa, cirurgião-mór de caçadores 10; Julio Cesar Leão Cabreira, tenente ajudante de infanteria 7; Belarmino Lobo, facultativo da provincia de Macau e Timor; João de Barros Carrilho, tesoureiro almoxarife do Ibo; Antonio da Camara Cylindo, *tenente da guarnição de* Moçambique.

Com a medalha de prata, Francisco L. Jones, capitão da barca americana *Eletra*.

Folhetim

A' BEIRA-MAR

Cumpro a minha promessa, começando hoje a enviar-lhes estas cartas, escritas de uma praia obscura e modesta, onde não ha club, nem roleta, nem pasmatorio, nem *pic-nics*, nem *lawn-tennis*, nem nada do que para o indigena faz o atrativo de uma estação balnear.

Estou n'uma casota de madeira, perdida no meio de um areal, nú, arido, sem uma unica arvore, tendo em frente de mim um dos largos braços do vastissimo delta do Vouga, onde sobre a agua serena passam vagarosamente dezenas de vélas brancas. Na margem oposta d'este braço, estende-se n'uma tira de algumas leguas a faxa verde da Gafanha, a começar ao norte, da banda de Aveiro, até se perder lá abaixo, ao sul, nas proximidades de Mira. N'um ultimo plano elevam-se as serranias da Beira; o Caramulo para o norte; depois a serra de Boialvo; em seguida, destacado e mais longe, o Bussaco; e por ultimo, n'um esbatido indistinto, a sombra azulada da Estrela. Logo atraz de mim, ao poente, as dunas morrem no oceano, n'uma costa núa, sem pedras, sem bahias, que se prolonga alinhada desde o paredão da barra de Aveiro até perto do cabo Mondego, o qual nos dias claros se entrevê vagamente ao sul, avançando para o mar.

Agua por todos os lados, céu desafogado para qualquer ponto do horisonte que se olhe. E, dividido pela via, o contraste vivo do areal fulvo da costa, manchado pelas casas negras de madeira, com a verdura d'essa fertil Gafanha — tira de areia agricultada, onde, entre o verde claro dos milharaes, das hortas e das praias de junça, e o verde escuro da cortina de pinheiros, que lhe fica ao fundo, se encrustam os casaes brancos e alegres, as ermidas e os moinhos com as suas grandes vélas em cruz de Malta.

Pelo norte este braço da ria está cortado por um extenso paredão, prolongamento da estrada de Aveiro, que depois de passar n'uma larga platafórma, em frente da barra, platafórma onde assentam o fortim coroado pela torre dos sinaes, as oficinas, as casas de pilotos, alguns armazens, uma capela e varias habitações, se estende para o poente formando um mólhe de mais de um kilometro, que termina, já sobre o mar, n'uma meia-laranja. A vista que se abrange da varanda circular da torre dos sinaes é deslumbrante. Descobrem-se todos os acidentes d'esta região amfibia, d'estas terras baixas e molhadas, que se espraiam n'uma área de leguas cortadas de agua, até entestarem ao oriente com as vertentes do massiço de montanhas da Beira Alta. Para o norte são os areaes de S. Jacinto e da Torreira, e esse complicado luacejar de canaes que formam o sistema da ria; são as salinas, com os seus taboleiros cristalinos e os montes de sal, ás centenas, como cones de neve pura; são os campos do Vouga, n'um largo tapete de esmeralda e o verde-negro distante dos primeiros pinhaes da região de Estarreja e Ovar. Mais para o nascente são as povoações que bordam o campo de Aveiro, e as que sobem escalonadas os algares do Caramulo; depois, descendo sempre, a propria cidade de Aveiro, muito branquinha, aninhada entre arvores, e lá mais ao longe Ilhavo, e a Vista Alegre, e Vagos, na margem de um outro braço da ria. Para o sul o areal e a larga bacia tranquila da Costa Nova com os seus palheiros acavalados e a Gafanha com os seus campos e pinhaes. Por fim, ao ocidente, o mar lambendo preguiçosamente a orla da costa, que o invade a pouco e pouco com as suas dunas, as quaes d'aqui a seculos serão talvez plainos cultivados, já distantes da linha maritima.

Ahi téem, em meia duzia de traços largos, a fisionomia d'esta ampla região, d'esta planura de leguas e leguas, já lodosa, já arenosa, rasgada de lagunas, reticulada de cursos d'agua, que o Atlantico tem lentamente deixado a descoberto, como n'uma infindavel baixa-mar de seculos.

E conforme o tempo, seco ou humido, sereno ou ventoso, claro ou nublado, assim essa fisionomia muda, toma aspétos novos, cambia[illegible]diversos. Ora sorri sob a luz, na calma [illegible]manhãs, com a ria de prata, lisa [illegible] espelho, a cortina roxa das s[illegible]ado, a Gafanha erguendo-se e[illegible] nevoeiro rozado, a areia fres[illegible] lourejando ao sol, e os barco[illegible], parados na agua, sem velas, [illegible]mpavezada como o peito d'um [illegible], sob um ceu pulembeo e bor[illegible] a ria se agita, batida do sul, [illegible] estrias de espuma, varrida pel[illegible]eiros, e tudo ao largo se fund[illegible] paisagem, n'uma aguada cinzen[illegible] Nos dias de sol intenso o areal tem reflexos de cobre e no dorso das dunas esbraseadas vê-se a vibração do ar quente: a ria arrepiada pela brisa é d'um belo azul profundo, que se desenrola n'uma ondeação cambiante de tons, como um setim *moiré*, e as verduras distantes afogadas na luz crua, esbatem-se n'um vago vapor prateado. E os efeitos de nuvens, quando o horisonte aparece, como agora por exemplo cercado por uma coroa de cirrus algodoados, ou quando os negrumes da tempestade sobem lentamente do mar com os tons mais estranhos do violeta, do cinzento e do azul! E os poentes na sua pompa de purpura abrasadada! E as noites estreladas, d'uma nitidez profunda, e n'um horisonte que se estende a perder de vista sem um recorte de sombra! E o luar nas noites calmas, fazendo da ria como um lençol tecido de luz, que ao longe a tira da Gafanha debrua de negro, e sob o qual os areaes parecem um descampado coberto de neve, qualquer cousa como uma paisagem polar, branca e erma!

Eu ficar-me-hia aqui horas, enegrecendo quartos de papel, se tivesse a pretensão de querer dar, mesmo n'uma palida aquarela d'estylo, a impressão d'esta paisagem, tão variada na sua harmonia fisionomica, tão diversa atravez do seu typo carateristico. Será talvez isto cegueira de paixão—da paixão que se póde ter por um paiz bonito o que é, de mais a mais, nossa meia terra natal—a terra onde nasceram, onde viveram, e onde agora dormem o sono eterno, aqueles que amamos acima de tudo.

Pois é este, leitor, o canto obscuro d'onde agora vou renovar comtigo esses bons cavacos que semanalmente entretemos, ha mais d'um ano, desde que a *Provincia* se fundou—ora na nota grave da critica das cousas e dos costumes, ora no tom desprendido da cronica ligeira e bohemia.

O que serão estas cartas? Hão de ser o que forem—é este o melhor programa. Tenho aqui dois grandes instrumentos de inspiração, duas grandes fontes sugestivas para esta epistolografia literaria, D'um lado, a paisagem alegre que nos anima, e o homem na labutação d'uma vida simples mas rude, com o diverso typo do seu local e do seu mister, e os episodios d'esta existencia amfibia, onde o barco é uma alfaia agricola e onde o boi é um motor nas artes de pesca. Do outro lado, a solidão, que nos faz meditar e sonhar, e o mar, o velho padre Oceano, cuja voz rouca, passando noite e dia sobre o areal, nos vem dizer ao espirito tantos segredos vagos, como as mysteriosas palavras d'um profeta.

E' n'isto, é nas impressões d'este meio, que eu irei buscar os assumtos para as minhas cartas, as quaes procurarei amiudar o mais possivel. Elas não dirão da bela voz da menina Fulana, nem das graças coreograficas de senhora Cicrana; não dirão das noitadas da assembleia, das intrigas da familia, dos namoros, dos pequeninos episodios comicos do banho, dos escandalosinhos que trazem no ar a colonia dos banhistas. Não; não dirão nada d'isto, porque nem mesmo esta pacata e honesta praia, onde se janta ás duas horas, onde á noite se joga a bisca em familia, onde as senhoras sáem do banho com os seus lenços cautelosamente amarrados na cabeça dá margem a essas cronicas galantes.

E assim, para continuar, na minha proxima carta falarei da população que borda esta bacia do delta do Vouga.

Costa Nova do Prado, 26 de setembro,

LUIZ DE MAGALHÃES,

(Da *Provincia*.)

«Tendo-se suscitado duvida sobre se o aluno que pretenda matricular-se no desenho, e ao mesmo tempo n'outra ou n'outras disciplinas de um ano do curso dos liceus, deve pagar duas propinas, sendo uma correspondente á matricula no desenho, como parece depreender-se dos artigos 11.º e 13.º do regulamento de 12 de agosto do corrente ano; e

Considerando que, segundo o § 2.º do artigo 6.º do mesmo decreto, é permitido aos alunos internos frequentar as aulas de desenho em qualquer dos anos do curso dos liceus, e portanto frequentar cumulativamente com o desenho outras disciplinas professadas n'esse ano do referido curso;

Considerando que a propina da matricula dos alunos internos é de 9$000 réis por ano, conforme o disposto no artigo 19.º do decreto de 29 de julho ultimo, o qual não faz distinção entre matriculas n'uma só ou em mais disciplinas que possam ser frequentadas no mesmo ano;

Considerando que as citadas disposições dos artigos 11.º e 13.º do regulamento são restritas á hipotese em que o aluno se matricúla sómente nas aulas de desenho, ou nas de outras disciplinas ali mencionadas:

Manda sua alteza o principe real, regente em nome do rei, pela secretaria de estado dos negocios do reino, declarar o seguinte:

I. O aluno que no mesmo ano letivo se matricular no desenho e n'outra ou n'outras disciplinas do curso dos liceus, paga uma só propina de 9$000 réis de todas as disciplinas em que se matricular;

II. O aluno que se matricular sómente no desenho dos liceus paga a propina de 9$000 réis por cada um dos anos em que se divide esta disciplina;

III. Os preceitos estabelecidos nos numeros antecedentes são aplicaveis ás matriculas nas aulas de lingua alemã ou de lingua grega, professadas nos liceus centraes.

Paço, em 25 de setembro de 1886. —*José Luciano de Castro.*»

Despachos eclesiasticos.— Verificaram-se os seguintes:

Presbytero José de Sant'Ana David Caldeira, parocho colado na igreja de S. Mateus, arquidiocese de Evora, apresentado na egreja paroquial de S. Romão de Carnaxide, no concelho de Oeiras, do patriarcado.

Presbytero Manuel de Araujo, apresentado na igreja parochial de S. Miguel de Messegães, no concelho de Monsão, diocese de Braga.

Novas de Longe

Sedição em Hespanha.—A rainha regente visitou na sexta-feira ultima as viuvas do brigadeiro Velarde e do conde de Mirasol.

Sem aparato algum, como se fosse pessoa particular, apenas acompanhada pela dama, duqueza de Medina de las Torres, saiu do palacio e dirigiu-se a casa da condessa de Mirasol, que a recebeu acompanhada de sua irmã. D. Cristina, que vestia singelamente de luto e veu preto, velando-lhe o rosto, expressou os seus sentimentos à condessa.

Depois dirigiu-se para casa da viuva de Velarde, onde foi recebida no portal por um filho do defunto. A rainha procurou saber de todos os episodios com interesse. Lastimou á viuva Velarde a sua sorte e a orfandade dos filhos, que desejou conhecer, e lhe foram apresentados; são dois meninos, um de 8 anos outro de 10, e uma menina de 17, alem do aluno que a foi receber.

— Sabado regressaram a Madrid o infantil rei de Hespanha, a princeza das Asturias e as infantas D. Maria Thereza e D. Isabel.

A rainha regente, acompanhada da duqueza de Medina de las Torres, do duque de Medina Sidonia, dos generaes Blanco e Cuenca, dirigiu-se para a estação do Norte para esperar os filhos. Quando a regente entrou na *gare*, todos os que ali se achavam descobriram-se, em[illegible] banda de musica do regimento de Covadonga executava o hyno real.

Ao aparecer a carruagem que ocupava a familia real, resoaram tres entusiasticos vivas, um ao rei, outro á rainha Cristina e outro á princeza Mercedes.

Por entre aclamações e vivas, a familia real dirigiu-se para o paço. Desde a estação até o palacio a familia real foi calorosamente vitoriada pela multidão que ocupava as ruas do transito.

O regente da Baviera. —O principe Luitpoldo ou Leopoldo conta 65 anos de edade, é alto, de boa presença e tem toda a barba crescida, a qual começa a branquear. Usa do cabelo muito curto. Comquanto seja inspétor geral do exercito bavaro, passa por não ter afeições militares. Em geral sáe á paizana, em uma pequena victoria, seguido quasi sempre de um grande cão da raça dos do Monte S. Bernardo. E' muito afeiçoado ás belas-artes; compra quadros, e tem sido presidente de algumas exposições. E' tambem um catolico convicto e fiel observador das práticas religiosas.

Casou no ano de 1844, em Florença, com a princeza Augusta, arquiduqueza da Austria e filha do falecido Leopoldo II, gran-duque de Toscana. A princeza Augusta morreu ha uns vinte anos, deixando quatro filhos. O mais velho, Luiz, que conta 41 anos, é general de infanteria, sem comando. Este é, como seu pae, bastante indiferente ás questões militares, apesar da sua elevada patente; mas, em compensação, é muito afeiçoado á agricultura e presidente da Sociedade Agricola da Baviera.

Em 1868 casou em segundas nupcias com a gran-duqueza Maria Tereza, da Austria, e d'ela teve onze filhos, dos quaes vivem dez, sendo cinco varões e cinco meninas.

O segundo filho é o principe Leopoldo, o qual tem menos um ano do que seu irmão, a que nos referimos, e tambem casou com uma princeza austriaca, a arquiduqueza Gisela, filha do imperador reinante. E' tenente general, e comanda a primeira divisão do exercito bavaro; mas, como os outros, não simpatisa com as cousas militares. Fala-se pouco d'ele.

A princeza Gisela gosta da convivencia e das brilhantes recéções no seu lindo palacio de Schwabing, decorado no estilo alemão antigo, Tem quatro filhos: dois varões e duas meninas.

A princeza Tereza, solteira, nasceu em 1850 e vive com seu pae. E' muito popular em Munich pelas suas maneiras sinceras e afaveis.

O filho mais novo do principe Leopoldo, o principe Arnulph, que nasceu em 1852, é o unico da familia que tem natural afeição á carreira militar. Tem a patente de major-general. Casou ha quatro anos com a princeza Tereza de Liechtemtein, uma das mais ricas familias de principes na Austria. D'esta união existe apenas um filho.

O regente da Baviera é irmão do rei Maximiliano e filho do rei Luiz I. O seu segundo irmão, Othon, que foi rei da Grecia, morreu sem descendencia depois da sua abdicação. Mas o seu terceiro irmão, o principe Adalberto, que morreu em 1876, deixou cinco filhos. O mais velho, o principe Luiz Fernando, está casado com a infanta de Hespanha, Maria de la Paz. Os filhos do principe Adalberto inspiravam um vivo carinho ao falecido rei, principalmente o principe Luiz Fernando.

O castelo do conde de Moltke.— Um redator da *Gazeta da Alemanha do Norte*, visitou ultimamente o castelo de Cheisau, na Silesia, proximo de Breslau, aonde o conde de Moltke reside, uma parte do ano. Este castelo e os terrenos que o cercam foram comprados pelo feld-marechal com o dinheiro que o imperador lhe tem dado por diferentes vezes, tendo sido instituido em fidei-comicio a 17 de fevereiro de 1868. Não tendo filhos o sr. de Moltke, é seu sobrinho Guilherme de Moltke, capitão do estado-maior e ajudante de campo do feld-marechal, que ha-de herdar aquele palacio. Seu irmão é quem o vigia e habita durante todo o ano.

O castelo é uma edificação quadrada de um unico pavimento, tendo o telhado extremamente inclinado, e sendo precedido de uma ampla escadaria e de um peristilo. O salão que se encontra no rez-do-chão está singelamente mobilado; contém grande numero de retratos de Moltke, entre os quaes se nota o pincel de Lembach, um dos melhores pintores berlinenses.

O vestibulo que precede a escadaria conduz ao primeiro aposento; á entrada vêem-se duas peças de artilheria, apreendidas no Monte-Valeriano, e que foram dadas a Moltke pelo imperador. São peças enormes de bronze, cinzeladas, ornadas de relevos, e tendo pela parte superior junto ao ouvido as tres flores de lis dos Bourbons. O centro d'esta sala está ocupado por tres estatuas equestres de bronze, representando uma o atual imperador, outra Frederico o Grande e a terceira o proprio feld-marechal. Esta ultima foi um presente que lhe fizeram os oficiaes por ocasião do 60.º aniversario da sua entrada no exercito prussiano.

Os aposentos particulares do conde são muito simples: o quarto de dormir contém apenas um leito de campanha e uma mesa para escrever; as paredes estão cobertas de cartas, mas uma parte é reservada á arvore genealogica de Moltke, a qual ocupa uma das faces completamente. Depois encontram-se as salas em que o feld-marechal tem acumulado os presentes recebidos. Uma estante inteira está reservada para as mensagens em que um grande numero de cidades lhe tem confiado a honra de seu cidadão particular. A mensagem da cidade de Berlim foi delineada por Adolfo Menzel em uma folha de pergaminho; a de Dresde é de ouro fosco em uma lamina de prata; a da cidade de Essen, aonde se encontram as oficinas de Krupp, está simplesmente gravada em uma lamina de aço.

Nas demais estantes envidraçadas encontram-se panoplias de armas singulares ou preciosas, que o feld marechal poude obter nas suas viagens ao Oriente. Uma lança imensa na sua extensão, cuja madeira é esculturada, provém do Mady; um sabre guarnecido de diamantes foi presente do sultão; n'um grande estojo existe a espada de ouro que os alemães da America déram ao general depois da guerra de França. Em muitas d'essas armas vê-se a divisa do sr. de Moltke: *Erst worgen, dann wagen.*

Junto a um pequeno busto em marmore do imperador Napoleão III, que aquele soberano deu ao conde por ocasião da exposição de 1867, está um quadro que representa o falecido rei Victor Manuel, acompanhado de uma dedicatoria muito lisongeira.

Quando se sáe do castelo encontra-se no pateo o busto colossal do imperador, e nota-se, ao passar os portaes, que a entrada da residencia do grande estrategico alemão está guardada por duas enormes estatuas de gladiadores, de famoso trabalho.

O general Kaulbars. — O general barão Kaulbars, diz o *Figaro*, pertence á velha nobreza de Esthland. E' luterano. Tem 45 anos e passa por ser um dos melhores oficiaes do estado-maior russo. Em 1878 fez a campanha da Herzegovina e da Bosnia e depois foi encarregado de uma missão militar no Montenegro. Desempenhou-a a inteiro contento do czar. Foi o ano passado enviado a Pizot para obrigar o principe de Batenberg a aceitar o armisticio. Depois presidiu á comissão internacional para a demarcação das fronteiras entre a Servia e a Bulgaria, indo em seguida para Viena como adido militar.

Uma nova guilhotina.—Um engenheiro de Leipzig acaba de inventar uma nova guilhotina.

Este aparelho não tem o aspéto tenebroso da antiga decepadora de cabeças. E' formada por um estrado medindo nove metros quadrados, e sóbe-se para ele por uma pequena escada de cinco degraus. No meio da plata-fórma acha se colocada uma cadeira, sobre a qual o condenado deve sentar-se.

Por traz d'esta cadeira está uma estatua representando a justiça e sustentando uma balança na mão esquerda. Esta balança é mobil, e serve para pôr em movimento o terrivel mecanismo da guilhotina.

Sob o estrado está instalada uma bateria elétrica, da qual os fios sóbem pelos pés da cadeira até ao assento, e d'ahi ás costas, onde estão em comunicação com placas de platina.

Se o paciente opõe resistencia, é ligado á cadeira.

Depois da leitura do julgamento, o carrasco quebra uma pequena vara e lança os bocados n'um dos pratos da balança, que, descendo, põe em movimento a bateria elétrica.

A morte do condenado é instantanea.

Congresso vinicola de Bordeus.— O congresso celebrado em Bordeus no dia 30 de agosto, chegou ás conclusões seguintes:

1.ª Não ha probabilidade de suspender a invasão filoxerica.

2.ª A questão do ovo de inverno ainda não foi resolvida.

3.ª As vinhas europeias podem defender-se com bom resultado pelos inséticidas.

4.ª O sulfureto de carbone prova, em geral, bem nas terras sècas, profundas, siliciosas.

5.ª Não tem dado resultado nos terrenos calcareos e calcareo argilosos. (Atribuimos esta falta de resultado á excessiva porosidade d'estes terrenos, e não á sua composição quimica. Em todo o caso, devem os proprietarios d'esta região, que possuem terrenos muito ricos em cal, aproveitar este aviso, para mais se apurarem nas aplicações que tiverem de fazer, «e, sobretudo, na escolha da época.» B. C.)

6.ª Os sulfo-carbonatos, empregados com cuidado, dão bom resultado em todos os terrenos.

7.ª Adubações energicas devem servir de complemento a todos os tratamentos precedentes.

8.ª Devem-se aperfeiçoar todos os amanhos nas vinhas defendidas.

9.ª A submersão é o tratamento inséticida que dá resultados mais incontestaveis. «Onde ela é possivel», deve ser preferida a todos os outros tratamentos.

10.ª Quando a agua empregada para a submersão não tiver lodo, é necessario empregar adubos complementares.

11.ª Deve-se estudar quaes as castas que melhor resistem á submersão.

12.ª Salvos casos excécionaes, é imprudente fazer a submersão só em anos alternados.

13.ª As vinhas plantadas em areia resistem ao filoxera.

Estas resoluções, que em numero não encerram grandes novidades, foram tomadas por unanimidade.

Sobre os vinhos fornecidos pelos produtores americanos diretos dividiram-se as opiniões.

O congresso foi acompanhado d'uma exposição notabilissima de cepas de todas as castas, europeias e americanas, enxertadas e não enxertadas, em geiras carregadas de cachos.

As discussões devem continuar sobre as molestias critogamicas e sobre o regimen economico das bebidas.

Templo catolico na Turquia.—O conde de Montebelo, representante da França em Constantinopla, inaugurou solenemente a egreja catolica na ilha de Prinkipo. No áto da inauguração, que foi solenissimo, monsenhor Rolete, que oficiou de pontifical, pronunciou um notavel discurso. Disse que não podia deixar de reconhecer os imensos serviços prestados pela grande nação franceza á civilisação e principalmente á egreja no Oriente. Dedicou algumas palavras de elogio ao sultão, pelos elevados sentimentos de tolerancia, de que tem dado provas. O testemunho de gratidão prestado á França pelo prelado, chamou muito a atenção, pelas circumstancias especiaes que o revestem, sabendo-se que monsenhor Rotele merece da parte do papa particular estima.

O rei da Baviera. — No sitio onde se afogou o rei da Baviera, Luiz II, na borda do lago de Stareberg, foi colocada recentemente uma cruz, adornada d'uma preciosa coróa de flores alpestres. Um simples marco indica o sitio d'onde foi retirado o dr. Guden, medico, que morreu no mesmo lago em que morreu o rei.

Desaparição d'uma condessa.—A policia do gran-ducado de Beden, procura ativamente a condessa Arnim-Muskau que, estando em vilegiatura, em Plaetig, perto de Baden-Baden, desapareceu ha alguns dias sem que fôsse possivel encontrar-lhe o rasto.

A condessa tinha estado em tratamento no asilo de alienados de Ilenau mas saiu d'ali sem estar completamente curada.

Tem 34 anos. O marido ofereceu ao principio uma recompensa de 1:000 marcos e agora de 3:000 á pessoa que descobrir onde ela pára.

O governo destacou 240 soldados da guarnição de Rastadt, para auxiliarem a policia nas suas diligencias. Cada um d'esses soldados recebe diariamente por esse trabalho extraordinario cinco marcos. A condessa levou com ela uma carteira contendo 300 marcos.

O telegrafo e o telefone.—Por um mesmo fio e ao mesmo tempo se faz o serviço telegrafico ordinario e telefonico entre Paris e Reims, sem que a nitidez da palavra sofra o menor prejuizo, e sem que o telegrama recebido por Morse ou Hugues se interrompa ou se altere.

Trata-se agora de pôr a Belgica em comunicação telefonica com Paris. Segundo conta um jornal francez, Lile não tardará em estar unida a Paris por um fio telefonico; a distancia entre as duas cidades é de 220 kilometros.

Por este meio ficam seguras as comunicações telefonicas até á fronteira belga, e o governo francez consultou o belga sobre a possibilidade de estender estas comunicações á Belgica, cujas cidades estão na sua maior parte relacionadas telefonicamente.

O ministro dos caminhos de ferro, correios e telegrafos, sr. Van den Peerebom, respondeu-lhe favoravelmente, e póde prever-se para um proximo futuro o estabelecimento de comunicações telefonicas entre Paris e as principaes cidades da Belgica.

Os jornaes d'este ultimo paiz acolhem a ideia com o maior entusiasmo, dizendo:

«A comunicação telefonica com Paris deve produzir uma revolução completa nos nossos costumes, e com especialidade no mundo periodico.»

Novo cartucho para mineiros.— Sem fogo, nem mecha, nem polvora, nem dinamite, nem substancia qualquer perigosa, eis um novo cartucho que se propõe fazer saltar a rocha.

Dispõe-se n'um tubo de cristal dividido em dois compartimentos, n'um dos quaes se coloca zinco em pó impalpavel e no outro acido sulfurico, introduz-se o tubo no orificio da rocha que se quer fazer estalar, tapando-o hermeticamente com argila, e sem cousa nenhuma mais, basta que o mineiro quebre com uma varinha de ferro o tudo de cristal, para que poucos momentos depois resulte uma explosão violentissima.

Com efeito a mistura de acido sulfurico com o zinco produz uma rapida formação de hidrogenio á enorme pressão de 37:000 atmosferas! capaz de fazer saltar em mil estilhaços toda uma montanha.

Fenomeno extraordinario.—Acaba de ocorrer um fenomeno na verdade extraordinario em Beleplaine (Estados-Unidos).

Começava-se a abrir um poço artesiano na localidade acima referida. Quando os operarios chegaram a 185 pés de profundidade, surgiu de repente um enorme jorro de agua, que se elevou a extraordinaria altura acima do nivel do terreno.

O jorro foi gradualmente aumentando em força e em volume, e não tardou que formassem duas grandes torrentes, que se precipitaram sobre a povoação, destruindo tudo quanto encontraram na sua passagem.

Com o fim de deter a saida da agua, foram lançadas ao poço 15 carroças de pedra, mas a força da agua era tal, que a pedra foi lançada ao ar com uma violencia analoga á que produz a polvora nas minas. Vendo que falhava este meio, procuram encher o poço de areia, mas baldadamente.

Cheios de terror, os habitantes de Beleplain pediram auxilio á companhia dos caminhos de ferro de Chicago a Northwestern, tendo sido chamados os operarios do condado; mas os esforços de todos não conseguiram deter a saida das aguas. Dentro em poucas horas as duas torrentes haviam formado um vasto leito, sendo completa a inundação.

As autoridades de Beleplaine telegrafaram a Chicago, a fim de serem enviados áquela localidade varios engenheiros, a ver se ha meio de entupir aquele poço, que tantos prejuizos estava causando ali.

As cidades mais antigas do mundo.—Um jornal americano recorda que as mais antigas cidades do mundo são: Argos, Athenas e Thebas, na Grecia; Cadiz e Sagunto, na Hespanha; Cumas, Syracusa, Locres, Cartona e Roma, na Italia; Marselha, na França. A mais nova d'estas cidades conta vinte e quatro seculos e a mais antiga trinta e sete!...

600 esqueletos.—Em Nice, acaba de se descobrir sob os tétos de uma antiga egreja de dominicanos, seis sentos escaletos a monte e cuja sepultura deve remontar a tresentos ou quatro centos anos.

Supõe-se que estes esqueletos foram exhumados em 1792, quando as tropas republicanas francezas fizeram da egreja uma padaria nacional.

As ossadas em parte pertencem a gente de distinção que gosava do previlegio de receber uma sepultura especial nos subterraneos dos dominicos. Os esqueletos das mulheres são em maior numero.

Entre eles está o de uma duqueza de Saboia. Estes restos mortaes vão ser novamente enterrados n'um dos cemiterios de Nice.

Uma familia selvagem.—Foi caturada nos bosques do condado de Washington, Kansas (Estados-Unidos), uma familia de individuos raros, que ha tempo vagueava por aquele sitio, e que era conhecida pelo nome de familia selvagem. Compõe-se de um homem, uma mulher, uma rapariga de 15 anos e uma creança. Os tres primeiros téem o corpo coberto de pêlo, sendo muito fino o que cobre o rosto da rapariga, que é de uma côr pardo cinzenta.

Nenhum dos quatro fala; a mãe emite uma especie de grunhido queixoso, que, ao que parece, é compreendido perfeitamente pela rapariga. Tanto o homem como a mulher apresentam indicios de terem sido carecas. Julga-se que cairam nas mãos dos indios, e que, depois de terem sofrido esta barbara operação, ficassem doidos. Ha esperanças de tornal-os á razão.

A MULHER EM ROMA

(Continuação.)

O marido saía ao encontro da espoza e perguntava-lhe quem ela era, ao que esta respondia orgulhosamente: *Ubi tu Gaius ibi ego Gaia*, isto é, segundo Plutarco: «Onde tu fores senhor e chefe de familia, eu serei senhora e mãe de familia.» Este ultimo titulo era só dado ás mulheres que estavam *sob a auctoridade* do marido; por tanto aquela formula não era aplicada no casamento sem a *manus*. Os titulos que exprimem a soberania domestica eram assim partilhados pelo marido e pela espoza, mas infelizmente para esta, isto não passava d'uma pura ficção. A comunidade que existia entre eles era quasi que só a dos bens sagrados, era apenas a prece que os reunia, pois a espoza era a sacerdotisa do lar. Era ela é verdade a unica senhora da casa, pois nenhum povo respeitou mais do que o romano o principio da nonogamia; recebia no *atrium* o estrangeiro ou o amigo de seu marido, presidia ao trabalho dos escravos, dirigia a educação dos filhos e desempenhava emfim todos os deveres de senhora do lar. Mas d'aqui á comunidade dos bens terrestres ia ainda muito.

No casamento contratado sob a forma *in manu*, a mulher era considerada em quanto aos bens como filha de seu marido; tudo que ela possuisse antes do casamento ou viesse a adquirir depois, pertencia de direito a ele, incluindo portanto o dote, salvo se o pae d'ela havia estipulado que ele lhe fosse restituido, no caso de ela morrer sem filhos ou mesmo em caso de divorcio. A mulher sui posando-se podia estipular iden dições. A mulher tornava-se a prietaria, não sendo o marido s simples usufrutuario do dote, vi n'aqueles casos obrigado á res verdadeiro contraste com o que alguns seculos esteve em pra[illegible]ca ma, e que era o marido poder ve dar o dote de sua mulher, pois sol o seu direito de propriedade era soluto, que podia fazer condenar se ela tinha desviado qualquer ob fizesse parte d'ele.

No tempo de Augusto esta foi modificada, sendo necessario sentimento da espoza para alienar dotal, e em caso nenhum podia tecado. Procurou-se assim não só pro a mulher contra as consequencias do a dono ou do divorcio, mas tambem face lhe um novo casamento, e isto era o então mais se tinha em vista. Justi prohibiu a alienação do mesmo mo a obrigação hipotecaria, ainda me com o consentimento da espoza, por esta podia deixar-se levar pela sua queza. D'aqui em diante o direito rido limitou-se ao de simples usufrutua

A mulher casada sem a *conventio* *manu*, entrava na casa d'ela e não na marido, pois ficava em poder de seu ou de seu tutor. O marido não tinha m direito sobre os bens d'ela, do que qu quer estranho á familia, á qual a mulh estava ligada ou por nascimento ou adoção; ficava sendo causa do *pater-fa* *lias*, em vez de o ser do marido. C mento sem a *manus* a principio foi ra mas depois dos ultimos anos da republi em diante vulgarisou-se enormemen pois as mulheres preferiam a to[illegible] os outros, o casamento livre.

A mãe podia do mes[illegible] modo que o marido suceder nos bens dos[illegible]lhos, salvo se o seu casamento havia sido [illegible]ivre, por que n'esse caso, não pertencend[illegible] como por direito não pertencia á familia [illegible] marido, não podia herdar de seus filhos nem mesmo transmitir-lhes a sua herança.

Se virmos a familia á luz do direito romano, vemos em logar d'uma associação em que o homem é o chefe, um governo despotico em que a mulher é a vitima. Sabendo-se que a espoza póde ser vendida ou morta por seu marido, e isto era não só no caso de ela lhe ser infiel, não deve causar admiração esta poderosa soberania que se lhe atribue e que lhe confere poderes de senhor, de juiz e até de executor. No entanto uma instituiç[illegible] veio obstar e corrigir os excessos do poder marital—foi o tribunal domestico.

Atribue-se a Romulus a instituição do tribunal domestico, mas é certo que os hebreus, já antes de Moisés, o tiveram tambem, assim como quasi todos os povos da antiguidade deixaram ao pae ou ao marido o exercicio da magistratura domestica. Em Roma, no seu começo, o marido era o juiz de sua mulher, e n'isto o seu poder não tinha limites. Se ela havia cometido qualquer falta, punia-a; se ela tinha bebido vinho, condenava-a; se havia tido comercio com um outro homem, matava-a. Mais tarde, os costumes modifica[illegible]ram esta jurisdição absoluta e [illegible], e a lei organisou então mais humanamente a magistratura da familia. Foi assim que o chefe de familia a reunia, erigindo-a n'um tribunal a que presidia. O marido convocava para este conselho não só os seus parentes, mas tambem os de sua mulher e até mesmo os amigos; era perante eles que comparecia a mulher acusada. Eles julgavam a pronunciando-se pela sua inocencia ou culpabilidade. Era o marido que presidia ao conselho e era tambem ele que pronunciava a pena a que o mesmo conselho condenava a espoza.

Debalde se tem procurado determinar quaes as atribuições do conselho de familia; ele tem resistido a todas as investigações, porque filho como era mais dos costumes do que das leis, a sua autoridade era puramente moral e como tal esteve sempre á mercê dos costumes e nunca á do legislador. Mas fossem quaes fossem as suas atribuições, é certo que foi enorme a sua importancia em Roma, assim como foi tambem um poderoso amparo para a mulher e um passo a mais para a sua emancipação.

Folhetim

O SOLAR DE LONGROIVA

I

Sentados um em frente do outro, junto ao enorme fogão de pedra, o velho marquez e sua filha escutavam silenciosos e atonitos e fragor medonho da tempestade.

Era em agosto—a 24. Dia fatídico e temido, que o diabo escolhe de preferencia para as suas tropelias. Tinham soado demoradamente 10 horas no antigo relogio da sala, cuja vacilante e altissima caixa de nogueira procurava esconder a um canto o escalabro dos seculos.

Lá fóra, a cerração era profunda.

Esquadrões compatos de nuvens côr de chumbo galopavam doidamente por um ceu caliginoso. Se acontecia entrechocarem-se, então arremessavam finissimos dardos fulgurantes, que zigzagueavam n'um segundo o seu clarão sinistro pelo espaço, e logo desapareciam no seio da terra estarrecida. E ao facho d'essa luz instantanea, o imenso cahos das nuvens fuliginosas,—arredondadas, cinzentas nos bordos, amplificando-se,—parecia o gaz explosivo de qualquer formidavel canhão descomunal, disparando no Infinito.

Para aumentar a semelhança, ao dardo da luz lancinante seguia se, abalando a amplidão um longo ribombar ululante e quebrado de fortissima trovoada.

Todo o dia levára a formar-se e a concentrar-se esta impetuosa tempestade equinoxial. Começára sobre a tarde o seu estralido retumbante; e agora, durante a noite, ia-se desdobrando temerosa com uma intensidade toda feita de estrondos e destruição.

No vasto salão de jantar, quadiado, elevado e frio, pae e filha escutavam silenciosos; ele firmando-se e endireitando o tronco com as mãos nos braços da sua cadeira de espaldar, nervoso, atento, os olhos muito abertos, sacudido com rudeza do seu tristonho alheamento habitual; ela, tremula, aterrada, anciosa, com todo o sangue no coração, ajoelhando a miudo e sibilando febrilmente os versiculos sybilinos do *Magnificat*.

A sala de jantar ocupava um dos extremos da ala meridional *do palacio. Tres* amplas sacadas rasgavam-se-lhe na parede, que olhava ao nascente: a parede terminal da ala. Na parede oposta, dando para o interior, abria-se uma larga porta de espessas hombreiras de granito; e por ela se enfiavam, n'uma extensa perspetiva retilinea, senhorial e augusta, as portas da longa sequencia de salões, que se iam alinhando inexoravelmente por todo o comprimento d'aquela porção do edificio,—salões todos com a mesma feição magestosa e sombria, o mesmo ar parado, o mesmo quietismo de dogma, a mesma solenidade de mumias, a mesma escuridão de necropoles, os mesmos tetos negros de castanho, pyramidaes, artezoados e profundos, fechados superiormente por um otogono almofadado, d'onde ressaltava em relevo o brazão fidalgo da familia.

Produzia uma sensação quasi dolorosa de frio e de abandono, evocava e fazia reviver a historia, impregnava-se da atmosfera hirta do passado, aquela imensa planura do soalho negro e fendido, inclinando-se com a distancia... a subir, a subir e a apagar-se... cavalgado de onde a onde por uma linha de portaes de granito, tambem cada vez mais pequenos e menos distintos, sucessivamente.

Inclinando-se para a linha do sobrado, seguia do alto uma longa linha analoga de lampiões de cobre esfumeados. Só dois se acendiam cada noite, os dos dois salões extremos:—a galeria dos retratos e a sala de jantar. E assim a imensa linha réta das portas, vista d'um dos extremos, alongava-se então extraordinariamente na cerração da noite, que só rasgava muito tenuemente lá no outro extremo, como uma estrela de terceira grandeza, a luz escassa e bruxuleante do outro lampião.

N'aquella noite, parecia crescerem a cada instante na sala o escuro e a humidade. A chuva fustigava incessante as vidraças, com ruido; o nevoeiro entrava pelas fisgas mal vedadas; e o vento rijo, que soprava do sul, com uma ou outra rajada tempestuosa do quadrante oposto, cortavam-se n'aquele recinto, davam-se batalha mesmo dentro da vasta quadra, cuja grande massa de ar revoluteavam; ao passo que produziam no lampadario de cobre, de vidros fulginosos, grandes intermitencias continuas de luz.

— Que valente refrega vae pelos astros, caspité! Era assim que deviamos ter repelido desde a primeira hora essa peste dos *jacobinos*.

— E se nos cae alguma faisca, meu pae!? Estamos aqui n'um alto... Ai! Nossa Senhora.

— Mil faiscas deviam ter arrasado ha muito Portugal!

— Meu pae, então!... Olhe se Deus nos castiga.

O velho teve um sorriso desdenhoso de incredulidade, emquanto a filha continuava balbuciando pavida as suas orações.

N'este comenos, um relampago estonteador incendiou o espaço, rutilou até á cegueira, e logo após ele troou um estampido elétrico medonho, tão estrondosamente cheio, tão metalicamente sonoro e tão cavamente ruidoso, como se fosse o resultado do desmoronamento universal. O marquez ergueu-se subito, instintivamente; emquanto Beatriz, a loira e franzina creança, redobrava na prece, ajoelhada, lançando ao pae no seu mudo olhar apavorado a expressão receiosa de um castigo, pela suposta blasfemia. Então abriu-se uma porta pequena, que dava para a copa e a cosinha, no andar terreo, e por ela desfilaram trémulos e côr de cera os serviçaes da casa:—a pequenina governante otogenaria, de grande rosario na mão; a criada de quarto da *menina*, de chambrinho de flores e avental branco; o escudeiro, muito grave, todo de preto; o cosinheiro, o palafreneiro, o hortelão.

O nobre marquez acolheu-os muito paternal:

— Venham, meus filhos, venham, e coragem! Tenham confiança na justiça do Senhor.

Ajoelharam todos em circulo em volta de Beatriz, emquanto D. Nuno, — o marquez, — passeiava agitado ao longo do salão. O vento, que entrava estrangulado pelas fendas das sacadas fronteiras, —duas em cada duas das paredes lateraes da ala,—tinha apagado o lampeão. Uma simples vela de cera, sobre a mesa, tremeluzia. Aos angulos remotos da casa acumulavam-se sombras ameaçadoras; o této, agora por iluminar, parecia cheio tambem por nuvens de tempestade; as velhas cadeiras alinhadas junto ás paredes dançavam como espétros; parecia moverem-se em [illegible]ça endemoninhada as grandes figu[illegible]sbotadas dos panos da muralha; [illegible]deiras senhoriaes de couro, co[illegible] continuavam junto ao fogão, [illegible]rente da outra, agora vasias, me[illegible] na grande sombra do rebord[illegible]tal da chaminé; esta alongava [illegible]umbra, piramidal e negr[illegible], da ne[illegible]granito secular, até perder-se na [illegible]longinqua do této, profundo e neg[illegible]em; e os extremos da toalha de li[illegible]cobria a extensa mesa,—alva con[illegible] mortalha, pendendo muito ae[illegible] sacudidos furiosamente pelo [illegible]savam flutuações complicadas de trajos de fantasmas.

Beatriz, mais que assustada, parecia agora inquieta. Levantava-se não raro, e dirigia-se a alguma das tres sacadas do nascente, procurando ver para o exterior Tentava perfurar a noite com o seu olhar ancioso; mas a *torrente de agua*, que açoitava os vidros, nada de distinto lhe deixava entrever. Então vinha um relampago, que lhe fazia levar a mão aos olhos com um pequeno grito, e Beatriz voltava descontente ao seu logar.

D'uma das vezes, o pae perguntou-lhe:—que tinha?... Se era para descobrir algum sinal de dissolução da tempestade, que se deixasse d'isso. Tinham até para a madrugada. Eram cruelmente insistente as trovoadas de agosto, por ali. Não obstante, a filha voltou ainda para a sacada, uma e outra vez. As palpebras tremiam-lhe, e os seus grandes olhos verdes perdiam-se-lhe na ancia velada de qualquer agonia intima, que lhe subia da alma.

Subito, por entre o rugido atroador de mais um trovão, ouviu-se distintamente a sineta do portão tocar com desespero. Quem seria...?—foi a interrogação muda, que se leu nos olhos de todos os circumstantes, ao encararem-se surprehendidos. Quem poderia ser?...—repetiu alto o velho, correndo por seu turno á sacada. E logo, retirando:

— A noite é um prego; não vejo nada. Abilio, vae ver.

O hortelão ergueu-se da sua posição humilde e desceu lestamente a escada da cosinha. Produzira-se em todos um pequeno movimento de curiosidade. Beatriz, ajoelhada mas direita, sem respirar, imovel, pregava na porta da cosinha os seus grandes olhos.

Abilio voltou d'ahi a pouco, todo molhado. Que era um cavalheiro em jornada, surprehendido pelo temporal, que vinha pedir poisada ao fidalgo para aquela noite. Beatriz, radiante, os olhos scentelhando como esmeraldas, curvou-se toda no escuro para ocultar a comoção. D. Nuno, magnanimo como um fidalgo e hospitaleiro como um portuguez, apressou-se em ordenar:

— Pede hospedagem?... Que entre. Chega a horas da ceia... tanto melhor para ele e para nós! Confortar-se-ha depressa e nós teremos um comensal. Que entre, José, vae-lhe recolher e pensar o cavalo. Adão, mais um talher na meza, em frente ao da minha filha. Miguel, vá, a ultima demão á ceia. D. Joaquina, cama para o nosso hospede. Vamos, meus filhos, é por Deus!

Os serviçaes voaram, emquanto Beatriz continuava a ocultar-se.

Passados instantes, entrava na sala um rapaz bem parecido e fresco, fino e bem posto, desembaraçado e alto, pele rosada e leitosa de virgem, uma ligeira penugem doirada enquadrando lhe as feições. O seu primeiro olhar, —um relampago de audacia e de ventura,—foi para Beatriz. Depois, emquanto se desfazia em agradecimentos para com o velho fidalgo, mais alguns d'esses relampagos ainda arremessou direitos á alma da tremula menina.

Era um esbelto rapaz. Em pé no meio da sala, com as roupas a escorrer coladas ao corpo e dois regatos derivando-lhe das calças pelo soalho, tinha mesmo n'esta situação comprometedora e mesquinha, um não sei quê de elegancia e de donaire, um condão ingenito e emergente de simpatia. Acusava na pronuncia um certo ar estrangeirado, mórmente no fim dos *rr* e das silabas nasaes.

Agradou-se d'ele D. Nuno. Mandou que lhe fornecessem roupas para se mudar. Depois á ceia conversaram muito, com grandes correntes comunicativas de afeição. Os grandes olhos verdes de Beatriz faiscavam; invadi-a uma tremura pela espinha; tinha as extremidades frias; e enovelava-se toda, como com medo, sob os olhares calcinantes do fresco e rosado moço, que tinha diante de si. De quando em quando, ela olhava tambem para seu *pae*, via-o solene e felíz á cabeceira da meza... e então toda a sua face se contraia n'um esgar fugido de remorso, n'uma como suplica ardente de perdão.

Depois de servido o guisado, o fiambre, ao chá, D. Nuno acabou de reparar que indubitavelmente o seu hospede tinha um modo estrangeirado e feio de emitir os nomes em *ão*. Atravessou-lhe o semblante uma nuvem sombria. Perguntou brusco:

— Que nacionalidade tem o senhor?

E o hospede, embaraçado:

— Eu, sr. maquez... sou natural de Toulon.

O velho amareleceu de colera.

— Meu Deus! Um *jacobino!* Um *jacobino* em minha casa!...

E levantou-se, rubro de indignação.

Fizera-se em torno um silencio aterrado. Ouvia-se simplesmente o bater perdido da pendula, alternando com o *tac* de pingos de agua, que uma fenda do této deixava cair no sobrado, pesadamente. Beatriz parára de viver. Adão, o escudeiro, muito grave, atraz do velho marquez com um prato contra o peito, aguardava.

D. Nuno ergueu vagarosamente a sua longa mão de aristocrata, horisontal e tremula, e apontando para a porta da copa, começou:

— Queira...

Mas logo, deixando cair o braço, com lagrimas na voz, muito humilde:

— E' meu hospede... Perdão!

ABEL ACACIO,

E' certo que o tribunal domestico não tinha valor algum legal, mas as suas decisões eram revestidas d'uma tal autoridade de moral, que o espozo não cazaria arrastado sem incorrer na reprovação unanime a condenação da opinião publica. O conselho de familia olhava sempre com especial cuidado para os interesses moraes da mulher cazada; era ele um refugio a que ela se acolhia.

Dissemos já que nenhum povo respeitou mais do que o romano o principio da monogamia, e foi assim; os laços do casamento foram igualmente para ele indissoluveis durante seculos, senão de direito pelo menos de fáto, pois o repudio autorisado pela lei era repelido pelos costumes. O direito de repudiar era exclusivo do marido, que n'este ponto tinha inteira liberdade. Não carecia de procurar uma causa séria para o pôr em pratica, um simples pretexto lhe bastava, e repudiando a espoza ficava senhor dos bens que ela lhe tinha levado, pois havia-os adquirido pela *manus*.

O direito de repudio era uma consequencia diréta do contrato e da *manus* que d'ele resultava. Porém o caráter religioso que a *conferratio* dava ao casamento, devia moderar esta facilidade de repudiar e regular o seu uzo. Os casos de repudio foram excécionaes e cuidadosamente determinados. Ha uma lei atribuida a Romulus que permite o repudio ao marido n'estes casos:—1.° se a mulher cometeu um adulterio; 2.° se se fez abortar voluntariamente; 3.° se abandonou o domicilio conjugal.

O marido que queria repudiar sua espoza acusava-a perante o tribunal domestico; esta acusação aplicava-se a todos os casamentos.

No casamento *per confarreationem* como tinha sido uma ceremonia religiosa que o havia consagrado, era necessario tambem uma identica ceremonia para o dissolver. O casamento consagrado *per farreum* dissolvia-se por o *diffarreatio*. E se o marido repudiava sua mulher sem ter um dos motivos marcados pela lei, perdia os seus bens, dos quaes uma parte ficava pertencendo á espoza, sendo a outra consagrada a Ceres.

A lei das *Doze tabuas* não só manteve o antigo direito de repudiar, mas até foi mais além, pois permittiu que a mulher se servisse do divorcio, como logo diremos.

O oriente, como imagem da espoza, legou á civilisação ocidental uma pobre mulher despresada, eivada de vicios e acorrentada ao marido. Roma com uma palavra só — matrona — levantou este tipo aviltado, designando com ela a severa grandeza da espoza romana. Mas isto foi quando o genio ocidental entoou o seu primeiro hino de vitoria sobre o elemento oriental, pois foi só então que a mulher adquiriu personalidade independente do marido, teve vida e existencia propria.

Segundo uma lei de Romulus a mulher cazada segundo a *confarretio*, era a companheira de seu marido, e como tal tinha parte em todos os seus bens, honras e privilegios.

Pare[illegible] mesmo que Romulus conce[illegible] [illegible]eres certas honras e as dis[illegible] [illegible]dos os trabalhos domesticos [illegible] e o tecer, o que leva a crer [illegible]e escravos encarregados dos [illegible]ais pesados. Muitos outros fa[illegible] [illegible]am a importancia que teve a mu[illegible] [illegible]a sociedade romana na sua infan[illegible] [illegible]como é, a tradição de Lucrecia que, [illegible]mata para não sobreviver á sua deshonra, e Vetruria que pelos seus rogos consegue que seu filho Curiolano desista do proposito em que estava de destruir Roma, que um dia o havia proscrito.

Mas em tudo isto não deve ver-se quanto a nós senão um estratagema para captar as simpatias das mulheres estrangeiras com que se aliaram os primeiros romanos, entre os quaes havia os sabinos, cuja superioridade moral era enorme.

A verdadeira igualdade entre a mulher e o marido, essa nunca existiu na familia romana. Mas se a mulher não compartilhava a autoridade do marido, ao menos tinha direito a ser respeitada por ele e foi-o com efeito, assim como o foi igualmente pelo Estado, pois como afirma um escritor notavel, em nenhuma parte com[illegible] Roma a mulher foi mais cidadã, mais associada aos perigos, aos triunfos, aos interesses e á gloria comum; ela tinha o segundo logar na cidade; mas como muito bem diz outro escritor, tinha só o segundo. Ali a força principal da mulher era a sua fraqueza. Esta submissão era venerada; a mulher tomava o titulo de *mater-familias. O marido respeitava n'ela* a mãe de seus filhos e o primeiro dever de uma espoza era o ser mãe e dar cidadãos ao estado. E' por isto, que apesar dos costumes rudes d'um povo conquistador como era o romano, o casamento foi respeitado, venerado por todos como uma necessidade sagrada. A espoza romana apresenta-se com um caráter de grandeza que assombra, sobretudo ponderando-se quão pequena não era a consideração em que a mulher era tida entre os romanos. Mas á maneira que o patrio poder e o poder marital se foram enfraquecendo, esta grandeza eclipsou-se e a dignidade do casamento quasi que tambem desapareceu de todo.

Em quanto que os costumes patriarcaes predominaram na sociedade romana, a espoza conservou-se casta, não obstante o culto imoral da *Bona Dea*, para não falar já das festas de Floras e de Liber, porque lá estava a autoridade marital a servir de apoio aos costumes, mas depois veio o casamento livre que deixava a mulher fóra da familia de seu marido, conservando-lhe a sua propria familia e facultando-lhe o poder ter uma fortuna propria de que disponha a seu bel-prazer. As riquezas aumentaram e com elas a ambição, o que tudo fez com que a influencia da mulher crescesse tambem. De extremamente escrava tornou-se excessivamente livre; e a antiga matrona alcançando a liberdade corrompeu-se. Dentro em pouco rivalisou com as cortezãs, e para isso não concorreu pouco o casamento e o divorcio. Vejamos como se chegou a este resultado.

A lei das *Doze tabuas* promulgada no ano 303 de Roma, produziu profundas alterações no regimen nupcial; n'este ponto foi verdadeiramente revolucionaria.

Concedeu á mulher um meio de se subtrair á prescrição que fundamentava a *manus* do marido. Bastava lhe para isso ficar fóra de casa tres noites seguidas em cada ano. A *usucapião* do marido em vez de ser forçada, e de ser por assim dizer uma condição inherente ao casamento, tornou-se facultativa; e a mulher casando-se pode conservar a esperança de guardar seus bens, sua familia e seus deuses. Era quasi que uma nova especie de casamento que substituia o antigo e que deixava á mulher nome deuses, fortuna, e um destino completamente independente, e que dentro em pouco fez fortuna, pois tanto a *confarretio* como a *coemptio* foram por causa d'ele lançados ao ostracismo.

A espoza ficava *in potestate patris* e bem assim senhora dos seus bens; com taes regalias não admira que os casamentos livres se multiplicassem, pois eram permitidos pelas leis; para favorecel-os lá estava de um lado a mulher, que assim ficava mais livre e do outro o pae que, orgulhoso de raça, tambem quiz ficar com a filha sob a sua autoridade e exercer uma certa influencia sobre o genro, assim como os favoreciam os costumes e os laços do casamento cada vez estavam mais enfraquecidos. O tribunal domestico não tinha já razão de ser, desapareceu. Ele é substituido pela autoridade do pae que conserva sua filha *in potestate*. Porém d'isto resultam dois inconvenientes que aumentam indefinidamente um e outro. Suprime-se um direito respeitado e introduz-se um elemento de discordia.

O casamento ficou á mercê de duas influencias de si rivaes, a do pae e a do marido, e ambas armadas com direito temivel de poderem dissolver o casamento. A espoza colocada entre estes dois poderes, combatido um por o outro, e dividida entre os seus deveres de espoza e as suas obrigações de filha, libertou-se pouco a pouco d'eles ambos, pois d'aquela rivalidade nasceu a ruina d'ambos. E de fato a *manus* do marido desapareceu e a tutela das mulheres enfraquecendo todos os dias. Ela já não existia no setimo seculo de Roma.

Ora um mal precipita o outro. Emancipa-se a mulher no casamento e ela emancipa-se na cidade, e sua liberdade convertendo-se em licença aumenta a corrução do casamento. Casando se, ela não querem perder nada; não se lhe pode mais falar em passar sob a *manus* do marido. E se ele é pobre e elas são ricas, é ele que de fato ficará em seu poder.

A lei das *Doze tabuas* deram o primeiro golpe no casamento. Pois a partir d'esta época uma longa série de leis se sucedeu, a fim de reprimir o luxo das mulheres. O Estado inquieta-se com a decadencia do casamento e os remedios revelam o mal. A principal causa d'isto foi a diminuição do poder marital. Dois seculos depois da lei das *Doze tabuas*, os costumes estavam em plena decadencia. A *manus* do marido caía em ruinas.

No casamento sem a *confarretio*, o pae podia, dentro do espaço de tempo necessario para a *usucapião*, provocar o divorcio de sua filha que ficára sob a sua autoridade.

No casamento sem a *confarretio*, o pae conservando *in potestate* a filha que ele deu em legitimo consorcio, podia provocar o divorcio e separar os espozos. O abuso porém d'este poder era condenado pela religião e pelos costumes. Por outro lado o repudio devia necessariamente tornar-se mais frequente, pois nenhum direito havia de verificar as causas que o motivavam. E quando o marido as não tinha, encontra-se um pretexto de divorcio e acha-se um magistrado da republica para repudiar sua mulher que tinha assistido a um espétaculo sem sua licença. Estes repudios corrompendo mais e mais os costumes, deviam levar a mulher a reclamar de seu pae o auxilio do divorcio.

No entanto a mulher, sempre *in potestate patris* ou *in manu mariti*, sem personalidade juridica propria, não pode a principio provocar o divorcio, mas afinal conseguiu este direito, não obstante o não poder fixar-se com certeza a época em que o conseguiu, sendo certo que o divorcio se tornou frequente e facil antes do fim da primeira guerra punica. A emancipação da mulher e a riqueza tornaram-no geral. Repudiou-se por disposição ou desconfiança.

Ouvido o tribunal domestico, o *marido ficava autorisado a pronunciar a formula* do divorcio, formula terrivel que estava gravada na lei das *Doze tabuas*: «Toma o que é teu. Vae te mulher.» Era assim que a espoza era expulsa do lar onde até ahi fôra rainha. Quando a causa do repudio havia sido o mau procedimento da mulher, o dote ficava pertencendo ao marido. Tempos houve em que muitos homens procurando enriquecer sem se importarem com os meios, desposaram mulheres de comportamento duvidoso mas com fortuna, para depois as repudiar á primeira falta arrecadando a oitava parte do dote, como fez C. Titinio de Minturno desposando a dissoluta Fannia.

Afirmam alguns historiadores, e principalmente Valerio Maximo, que da fundação de Roma até o ano 520 não houve ali um unico repudio, e que o primeiro foi o de Carvilius que n'este ano repudiou sua espoza por ela ser esteril. Parece ser fóra de duvida que não foi este o primeiro repudio, pois que antes do de Carvilius outros houve. Decerto foram as condições excécionaes que se deram n'este repudio, que indignando o espirito publico, a historia d'ele fez menção e não por que ele fosse o primeiro que em Roma teve logar, pois d'outro modo não é facil explicar, como diz Montesquieu, que dando a lei a todo um povo um direito equivalente, ninguem d'ele uzasse.

Desde a ditadura de Syla até o reinado de Augusto, foi enorme a importancia que tiveram na politica tanto os casamentos como os divorcios. Syla que no tempo das suas prescrições rouba a seus inimigos as suas espozas para as dar á outros maridos; Syla que repudía sua espoza porque ela está agonisante; Syla que tira ao genro de sua mulher uma joven espoza já mãe e a dá a Pompeu, que por sua ordem veem repudiar Antistia. A mãe d'esta suicida-se para não sobreviver ao ultraje que soffreu sua filha. Em quanto á nova espoza de Pompeu, ela morre dando á luz em casa de seu segundo marido o filho do primeiro casamento. A propria Octavia, esta infeliz vitima do repudio, provoca no interesse publico o divorcio de sua propria filha, a fim de que seu genro possa desposar Julia, viuva de seu filho Marcelus e filha do imperador. Augusto finalmente roubou a Tiberius Neron Livia, sua espoza e o filho que ela levava no seio. Isto é apenas uma pequena amostra, pois os exemplos são aos milhares. Cluentinus Avitus dá-nos a conhecer uma mãe que leva um seu genro a divorciar-se e que depois desposa desvergonhamente depois d'ele haver desfeito o seu casamento com sua filha. Cicero repudiou Terentia, porque necessitava de um novo dote para pagar as suas dividas. Paulo Emilio repudiou Papyria por simples capricho. «Os meus coturnos, dizia ele, são novos, elegantes, e no entanto vejo-me obrigado a procurar outros; só eu é que sei onde me incomodam.»

Quando ás mulheres foi facultado o pedirem o divorcio, elas não ficaram áquem dos homens. Uma mulher deixava seu marido sem motivo, e levava seu dote para mais depressa desposar um outro homem.

No caso de consentimento mutuo, a separação efétuava-se legalmente com a simples aprovação da familia e por intervenção derisoria dos censores e dos pretores. Depois o consentimento mutuo para o divorcio deixou de ser exigido; cada um dos espozos podia separadamente fazer despedaçar o casamento, e para este efeito o uzo introduziu certas formulas como esta: *Res tuas tibi habeto*. A mulher submetida á *manus* podia tambem divorciar-se. Enviava o *repudium* a seu marido e podia obrigal-o a libertal-a da *manus*. Quando a mulher queria divorciar-se sem motivo, o marido ficava com uma sexta parte do dote, por cada filho, até á acumulação de tres sextas partes.

O uzo do divorcio foi tão longe, que Seneca affirma, que muitas mulheres não contavam os anos pelo numero dos consules, mas pelos de seus maridos. Elas divorciavam se para se casar, casavam para se divorciar, diz ele. Juvenal diz que havia mulher que passava aos braços de uns poucos de maridos em cada mez, e S. Jeronimo conheceu um homem que teve vinte e uma espoza, e cuja derradeira tivera por antecessores d'ele vinte e dois maridos.

Com taes leis e taes costumes, o que seria a sociedade em si? Vamos procurar mostral-o.

A facilidade com que obtinha o divorcio produziu, como não podia deixar de ser, a inteira ruina do poder marital. Das tres antigas formulas do casamento no começo de Roma já no fim do imperio só existia a *coemptio* e esta mesmo veio a caír em desuzo.

Muitas vezes, para conservar o dote da espoza, o marido avaro resignava-se a sofrer os maiores ultrajes. Cedia da sua autoridade e curvava-se perante a altivez da espoza. «Eu recebi dinheiro, eu vendi minha autoridade por um dote.» Escravo d'este dote, como podia o espozo resistir aos inumeraveis caprichos da mulher; sujeitava-se a tudo, e para se não sujeitar a eles, é que o casamento diminuiu espantosamente, pois muitos homens preferiam ficar celibatarios. E nem só os defeitos e vicios das mulheres desviavam os homens do casamento, pois a *captação das heranças* muito tambem para isso concorria. A caça ás heranças foi uma arte muito estudada e o celibatario teve uma existencia feliz, pois se por um lado lhe faltavam os cuidados da familia, pelo outro cercavam-no as atenções e as caricias dos pretendentes, aos seus haveres, a quem Horacio infamou com o nome de *haeredipétes*. O divorcio dava pois uma existencia privilegiada e distinta.

A necessidade de aumentar a população devastada por guerras continuas, inspirou leis destinadas não só a animar, mas até mesmo a obrigar os cidadãos ao casamento. Os primeiros que se recusavam a casar-se eram declarados infames, e não podiam ser herdeiros de um estranho, receber legados nem heranças, salvo se se casassem no praso de cem dias. Depois, Augusto promulgou uma lei contra os celibatarios e decretou recompensas aos cidadãos que tivessem muitos filhos, uma das quaes era o serem escolhidos para desempenhar as mais elevadas funções do Estado. Foram elas as leis *Julia Papea* e *Poppea*. Cada filho dispensava um ano para se chegar ás magistraturas; tres isentavam de todos os cargos pessoaes. Mas a pesar de tudo isto o horror ao casamento continuou e a população não cresceu.

Na primeira época de Roma, a condição da mulher apresenta dois aspétos d'um formoso contraste; em principio, a espoza está sujeita ao espozo, mas na realidade ela domina-o. Segundo o direito é uma escrava, segundo os costumes é uma rainha.

Já mesmo n'esta época nem todas as matronas eram modelos de castidade e ternura e dignas de todo o respeito; os simptomas d'uma desmoralisação geral principiavam já a manifestar-se ainda que a medo. Depois a influencia dos costumes gregos foram desenvolvendo os germens corrutores e a vaga começou a subir, a subir sempre. Mas agora, não obstante os imensos perigos que ameaçam Roma, a má semente não se alastra muito; obstam a isso os velhos costumes patriarcaes que não obstante o haverem já perdido muito da sua antiga grandeza, ainda assim são um dique formidavel. Depois das guerras civis de que Roma foi teatro, a matrona outr'ora tão casta e tão laboriosa, tomou a iniciativa do deboche.

A' depravação nascente veio juntar-se o luxo, as riquezas, os costumes estrangeiros e os vicios dos povos vencidos, de sorte que dentro em pouco os vencedores eram estes, pois levaram ao seio da velha sociedade romana a sua corrução e a sua industria. As mulheres de escravas que eram tornaram-se soberanas.

As mulheres tinham-se tornado não só arrogantes, mas até viciosas. A descoberta das bacanaes permitiu medir o abismo até onde Roma havia descido, mostrou a primeira sociedade entregue a uma desenfreada prostituição.

Em Roma as bacanaes foram uma verdadeira instituição, transformadas em sociedades secretas estavam em conspiração permanente contra o senado e contra os costumes. Foi no consulado de Postumius, Albinus e Quintus, 186 anos antes de J. C., que se descobriu que as antigas iniciações de Bachus celebradas outr'ora com grave solenidade pelos sacerdotes etruscos se achavam convertidas em escandalosas orgias e em valhacouto toda a especie de crimes, e que só em Roma subia a sete mil o numero dos iniciados, sendo tambem imenso o dos que havia no resto da Italia.

N'estas reuniões verdadeiramente satanicas que tinham de ordinario logar nas matas de Simila se planeavam e executavam perjurios, falsificação de firmas, testamentos falsos, assassinatos, envenenamentos, estupros, adulterios, tudo finalmente que havia de infame e para que as trevas da noite eram necessarias, pois era possivel que a celebrarem-se de dia taes misterios, o proprio sol se escondesse de envergonhado.

O consul Postumius, tendo alcançado as provas da existencia de tão terrivel associação, convocou o senado que imediatamente tomou as providencias que o caso pedia. Instaurou-se processo contra os culpados que foi dificil e demorado, sendo afinal condenados á morte e executados um grande numero de iniciados. As mulheres consideradas cumplices foram entregues ás suas familias, a fim d'estas as julgarem perante o tribunal domestico, pois o senado quiz respeitar assim este antigo direito. O castigo, porém, ao que parece, foi nulo, pois sendo seus julgadores, os seus paes e maridos, como elas iniciados tambem na terrivel seita, deixaram-nas na mór parte ficar impunes.

MARQUES GOMES.

Correio do Sul

Lisboa, 30 de setembro de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

E' geralmente sabido, porque a imprensa se encarregou de noticial-o, que um pequeno de 9 anos de idade, (o amigo Joãosinho) filho de João Carmelito, de Vila do Conde, praticou, para com uma pequena de 7 anos, quasi o mesmo, que a iroína Custodia dos Anjos, da Golegã, praticára com duas outras crianças. Custodia salvou duas crianças de uma morte certa; João salvou uma. Com Custodia fez-se grande barulho, galardoando-a e premeando-se, não só pelo que fizera, mas para estimulo. O que se fará agora com o João, que igualmente foi erőe, ou obedecendo aos impulsos do seu bondoso coração, ou pelo estimulo? O que se fez áquela deverá igualmente fazer-se a este, se é que, no que se fez, ouve sinceridade, como parece ter avido: e, a não se fazer, perderia o grão da importancia que se lhe deu, o feito de Custodia, e adeus estimulo. Dir-se-ia mesmo, que no procedimento avido com Custodia se não recompensou a ação, o feito, o eroismo, o merito; e que só se teve em vista algum fim oculto. A ação e o merito é igual, igual deve ser a recompensa. Demais a mais se o feito de Custodia foi na ocazião do cazamento do principe real, o de João foi na no regresso d'el-rei á patria; e é necessario ter-se em vista esta coincidencia. Iguaes cauzas devem produzir efeitos iguaes. São duas crianças; e a diferença do sexo nada póde nem deve influir, para que não haja para com ambas o mesmo ou identico procedimento.

— Recebi uma carta de Elvas, em que me dizem: «á muitos anos que não concorre tanta gente ás festas do Senhor da Piedade como n'este. Aquele vasto e pitoresco recinto estava transformado n'um acampamento, entrinxeirado n'uma moralha de mais de 1:000 carros alemtejanos. As hospedarias, hoteis e cazas particulares transformaram-se em cortiços d'abelhas e formigueiros. A colheita de esmolas por cumprimento de promessas e votos deve ter sido importantissima. No circulo Elvense reuniram-se na quarta-feira perto de 200 senhoras, e outros tantos ou mais cavalheiros: a caza, apezar da sua vastidão, estava cheia até mais não. Na quinta-feira ouve menos gente; mas, ainda assim, muita mais do que n'outras identicas ocasiões: dançou-se muito e o serviço nada deixou a desejar, embora se tivesse a lutar com grandes dificuldades e atritos.»

— N'um vapor que hontem largou do Caes para Belem, ás 9 horas da manhã, iam dois sujeitos lendo os jornaes; um da oposição, outro governamental. Nas alturas do Calvario um d'eles atirou o jornal fóra, e disse para o outro—isto é impossivel continuar assim: quem lê estas diatribes pasma e tira, necessariamente, por conclusão que somos um paiz de bandidos e salteadores: a oposição classifica os governamentaes, e estes a oposição, por tal modo, e dizem taes coisas uns dos outros, que fazem arrepiar os cabelos: um tal estilo, e [illegible] modo de escrever, leva necessariamente os estrangeiros a fazerem de nós os mais desgraçados juizos, e infundem-lhes [illegible] maior receio de que lhes tirem a cam[illegible] do corpo, desde o momento, em que p[illegible] em terra portugueza; e no entanto aq[illegible] honradez, dignidade e brio.—Valha [illegible] verdade, o homem tinha alguma [illegible] no que dizia, porque não póde duv[illegible]e de que o desregramento, com [illegible] [illegible]guns jornaes escrevem, o que se di[illegible] nossos homens, os mais eminent[illegible] que teem ocupado ou ocupam as [illegible]s altas posições, é de pasmar. E de[illegible] classes baixas e ignorantes, len[illegible] ouvindo lêr taes diatribes e rega[illegible] dão-lhes assentimento tomam-a[illegible] [illegible]gma; e d'aqui o ouvir-se, o [illegible] eu ouvi no domingo, na ocasião em [illegible] a esquadra, que acompanhava el-rei[illegible] passava em frente do Aterro, a dois catraeiros, um dos quaes teria 35 a 40 anos de idade, e o outro 22 a 24: as maiores infamias e poucas vergonhas, que pódem imaginar-se, dirigidas a altos personagens!... Bem pódem certos jornaes mudar de rumo, e regenerar a sua linguagem, porque a de que se servem é prejudicialissima; desmoralisa, devendo moralisar. E' certo que amor com amor se paga, e que pelo caso, porque se faz a pergunta, se dá a resposta; mas certo é tambem, que nem sempre a razão está da parte de quem mais berra.

— Faz hoje 18 anos que a ex-rainha D. Isabel II saiu de Madrid, em consequencia da sua deposição.

— Não sei até que ponto seja verdade, nem mesmo se no que diziam tinham alguma razão, dois veteranos, qual d'eles mais impossibilitados, no momento em que vinham de receber os seus vencimentos; expressavam-se eles do seguinte modo: «Isto não póde ser, nem deve continuar assim; descontos para agio de notas, quando as notas se podem trocar no banco e sem desconto; descontos para gratificações a ordenanças da secretaria do sr. comandante, descontos que dariam para se gratificarem duzias e duzias de ordenanças; e descontos para o diabo, levando-nos metade dos nossos miseros vencimentos, ganhos á custa de tantas fadigas, de tantas privações, de tantas inclemencias e até desgraças, com que por 20, 25 e mais anos fomos massacrados! Nada; haja quem nos governe; nós devemos pedir providencias; o nosso general foi nosso coronel, e se a gente fôr ter com ele, não deixará de atender-nos.» Aqui deixo registrada a conversa, que lhes ouvi; repito, se é ou não verdade o que diziam, não sei; se tinham ou não razão para dizerem, não sei tambem. Os homens diziam *que se lhes descontavam 200 réis por quinzena só para gratificações a ordenanças!*... O que é verdade é que não seria de todo mau que pelo quartel-general da divisão, ou ministerio da guerra, se mandasse sindicar devéras do facto, porque a verdade ser... quando nada mais seja, é vergonha, em que pelo ministerio da guerra de certo se não consentirá, desde que d'ela tiver conhecimento.

Os honrosissimos precedentes de s. ex.ª o sr. ministro da guerra, a sua inteireza e rétidão, não consentiriam, de certo, que os exiguos vencimentos de quem por tantos tempos, e lutando com milhares de contrariedades, arriscando um sem numero de vezes a propria vida, em serviço da patria, da independencia nacional e das instituições, que felizmente nos regem, fossem ou sejam (se verdade é o que os homens diziam) por tal modo tão cerceados.

Ao mesmo respeito poderia eu acrescentar a conversa que n'um circulo, onde ao acaso me achei, ouvi, a qual me repugnou; mas, ainda que não foi em segredo, nem o imprudente tagarela guardasse conveniencias, deixal-a-ei eu em esquecimento, e guardarei as devidas conveniencias, porque creio firmemente que se ha um ou outro que abuse, nem todos lêem pela mesma cartilha, e d'estes é, de certo, o maior numero. Sindique-se, porém, *mas radicalmente*, para bem se conhecer a verdade ou falsidade do que aqueles camaradinhas iam dizendo, talvez por serem ignorantes, ou (o que é mais provavel) por terem má lingua.

Borges.

Arabescos e Miniaturas

O NINHO DE ROUXINOES

Em volta do castelo havia um belo parque.

No parque viam se aves de todas as especies: rouxinoes, melros, andorinhas; todas as aves da terra tinham combinado encontrar-se no parque.

Na primavera era um hyno de gorgeios capaz de ensurdecer; em cada folha ocultava-se um ninho, cada arvore era uma orquestra.

Todos aqueles musicos infantis, emplumados, davam assaltos á porfia. Uns popeavam, gorgeavam outros; estes faziam trinados cujas harmonias semelhavam perolas, aqueles recortavam floritures matisadas de melodias; verdadeiros musicos não fariam um conjunto mais perfeito.

No castelo, porem, havia duas belas primas que, sosinhas, cantavam melhor que todas as aves do parque; uma chamava-se Fleurete e a outra Isabeau. Ambas eram belas, apetitosas, e aos domingos quando ostentavam os seus vestidos brilhantes, se os hombros de neve não mostrassem que eram verdadeiras raparigas, supor-se-iam anjos; só lhes faltavam as penas. Quando cantavam, o velho senhor de Maulevrier, seu tio, conservava-as algumas vezes entre as mãos, receiando que lhes desse na phantasia fugir.

Deixo ao leitor o cuidado de pensar nas soberbas lançadas com que se mimoseariam nas cavalhadas e torneios em honra de Fleurete e de Isabeau. A sua reputação de beleza e talento havia feito a volta da Europa, e todávia elas não se orgulhavam por isso; viviam na solidão, não vendo ninguem alem do pagemsinho Valentim, bela creança de cabelos louros, e o senhor de Maulevrier, velho severo, queimado pelo sol e arruinado por ter suportado durante sessenta anos a sua armadura de guerra.

Passavam o tempo a deitar grão aos passarinhos, a dizer as suas orações e principalmente a estudar as obras dos mestres, repetindo juntas algum mote, madrigal, copla ou qualquer outra musica; tinham tambem flores, que ellas proprias regavam e cuidavam. Deslisava-lhes a vida n'estas doces e poeticas ocupações de raparigas; conservavam-se na penumbra e longe dos olhares do mundo, e não obstante o mundo ocupava-se d'elas. O rouxinol e a rosa não podem ocultar-se; o seu canto e o seu perfume trahem-os sempre. As nossas duas primas [illegible] simultaneamente dois rouxi[illegible]

Vieram du[illegible] [illegible]nedil-as em casamento; o imperador de Trebizonda e o Soldão do Egyto mandaram embaixadores encarregados de propor a sua aliança com o senhor de Maulevrier; as duas primas conservaram-se donzelas e não quizeram dar ouvidos a taes propostas.

Presentiam, porventura, por um instinto secreto, que a sua missão n'este mundo se limitava a serem raparigas e a cantar, e que se desdourariam procedendo d'outra forma.

Tinham vindo ainda muito pequeninas para esta residencia. A janella do seu quarto deitava para o parque, e desde então embalara-as sempre o canto das aves.

Mal começavam ainda a andar quando o velho Bloudiau, menestrel do *Sire*, lhe colocou as mãositas sobre as teclas virgens do marfim; não conheciam outro brinquedo e souberam cantar antes de falar: cantavam como as demais respiram; estava-lhes isso no organismo.

Esta educação influira singularmente n'aqueles carateres. A sua infancia cheia de harmonias lograra desvial-as da infancia turbulenta e indiscreta. Jámais haviam soltado um grito agudo ou uma queixa intempestiva. Choravam com prudencia e gemiam com acerto. O sentimento musical, desenvolvido n'elas com deprimentos dos outros, tornava-as pouco sensiveis a tudo que não fosse musica. Flutuavam n'um infinito melodioso e quasi não percebiam o mundo real senão pelos sons.

Comprehendiam perfeitamente o ruido da folhagem, o murmurio das aguas, o tinido do relogio, o suspirar do vento na chaminé, o zumbido da roca, a gota de chuva cahindo na vidraça que estremecia, todas as inarmonias exteriores ou interiores, mas não sentiam, devemos confessal-o, um grande enthusiasmo ao vêr o pôr do sol, e tão pouco podiam apreciar um quadro sem que os seus belos olhos azues e negros se cobrissem de um veo espesso.

Tinham a monomania da musica. Sonhavam com ella, deixavam de comer e beber; não amavam na terra mais que a musica.

Bem no fundo, tinham ainda outro amor; era Valentim e as suas flores. Valentim, porque se parecia com as rosas; as flores, porque se assemelhavam a Valentim. Mas este amor era considerado por elas em segunda plana. E' verdade que Valentim tinha apenas 13 anos.

O seu maior prazer era cantar á tarde, debaixo das suas janelas, a musica que elas tinham composto de manhã.

Os mais celebres professores vinham de longinquas terras ouvil-as e lutar com elas. Porem, assim que ouviam um compasso, quebravam os instrumentos e rasgavam a partitura, confessando-se vencidos. Com efeito, era uma musica tão agradavel e tão melodiosa, que os cherubins do ceu vinham á janela com os outros musicos e aprendiam-n'a de cór para depois a cantar ao seu Deus.

Uma tarde de maio as duas primas cantavam juntas um mote, nunca motivo mais feliz havia sido mais venturosamente trabalhado e executado.

Um rouxinol do parque oculto sob uma roseira, tinha-as escutado attentamente. Quando acabaram, aproximou-se da janela e disse-lhes na sua linguagem de rouxinol: «Queria ter comvosco um combate de canto.» As duas primas responderam que aceitavam com prazer, e que podia começar.

O rouxinol começou. Era um rouxinol mestre. A debil garganta inchava-lhe, batiam-lhe as azas, todo o corpo lhe estremecia; era uma catadupa de trinados, de gorgeios, de harpejos, de escalas cromaticas; subia e descia, corria os sons em cadencias de perolas com uma pureza desesperadora; dir-se-hia que a voz tinha azas como o corpo. Deteve-se, certo de ter alcançado a vitoria.

Por sua vez as duas primas soltaram a voz. Excederam tudo quanto podesse existir; o canto do rouxinol parecia, depois de se ouvir o d'elas, o piar d'um pardal.

O alado virtuoso tentou um ultimo exforço; cantou um romance de amor, depois executou um concerto brilhante que coroou por um crescendo de notas altas, vibrantes e agudas, muito além de quanto póde dar a voz humana.

As duas primas, sem se amedrontarem com este primor de força, voltaram a folha do seu livro de musica e responderam por tal fórma ao rouxinol que Santa Cicilia que as escutava do ceu, fez-se pálida de inveja e deixou cair na terra o seu contrabaixo.

O rouxinol tentou ainda cantar, mas esta luta tinha-o aniquilado completamente; faltava-lhe o ar, as penas herissaram-se-lhe, os olhos cerraram-se-lhe; ia morrer.

«Cantam melhor do que eu, disse ela ás duas primas, e o orgulho de querer vencel-as custou me a vida. Peço-lhes uma coisa: tenho um ninho; n'esse ninho ha tres avesinhas; é na terceira roseira da grande álea do lado do tanque; vão buscal-as, eduquem-nas e ensinem-nas a cantar visto que eu vou morrer.

Dito isto o rouxinol morreu.

As duas primas choraram muito a sua morte, porque ele tinha cantado bem. Chamaram Valentim, o pagemsinho de cabelos loiros, e disseram-lhe onde estava o ninho. Valentim, que era um malicioso engraçado, deu facilmente com o sitio, poz o ninho no peito e trouxe-o sem dificuldade. Fleurete e Isabeau, encostadas á janela, esperavam-n'o com impaciencia. Valentim veiu depressa, trazendo o ninho na mão. As tres avesitas espreitavam, abrindo muito o bico. As raparigas tiveram dó dos orphãositos e meteram-lhes o comer no bico, cada uma por sua vez.

Quando já estavam mais crescidos, começaram a sua educação musical, cumprindo a promessa feita ao rouxinol vencido.

Dava gosto ver como se tinham domesticado, como cantavam bem. Esvoaçavam pelo quarto, poisando ora na cabeça de Isabeau ora no hombro de Fleurete.

Punham-se deante do livro de musica, e podia-se dizer, com verdade, que comprehendiam as notas, tanto olhavam para o branco e para os traços com ar de inteligencia. Tinham aprendido todas as arias de Fleurete e Isabeau, e começavam já a improvisar algumas muito bonitas. As duas primas viviam cada vez mais retiradas, e á tarde ouviam-se sair do quarto sons d'uma molodia sobrenatural. Os rouxinoes, perfeitamente instruidos, tomavam parte no concerto, e cantavam quasi tão bem como as suas mestras, que tambem tinham feito grandes progressos.

As suas vozes adquiriam cada dia um brilho extraordinario, e vibravam d'uma maneira metalica e cristalina, que excedia a escala da voz natural. As raparigas emagreciam a olhos vistos; aquelas belas cores desvaneciam-se, estavam palidas e quasi tão transparentes como agatas. O senhor de Maulevrier quiz proibir-lhe de cantar, mas não o conseguiu.

Mal tinham pronunciado algumas notas, desenhava-se-lhe nas faces uma pequenina mancha vermelha, que se ia alastrando até acabarem de cantar; a mancha desaparecia então mas um suor frio corria-lhes da pele e os labios tremiam como se tivessem febre.

De resto o seu canto era mais belo que nunca; havia alguma coisa que não era d'este mundo, e, quem ouvisse essa voz sonora e poderosa sair d'estas duas debeis raparigas, previa o que havia de acontecer, que a musica despedaçaria o instrumento.

Elas proprias o comprehenderam, e começaram a tocar o seu *virginal*, que tinham abandonado pela vocalisação.

Mas, uma noite, que a janela estava aberta, as aves gorgeiando no parque, a brisa suspirando docemente, havia tanta musica no ar que não poderam resistir ao desejo de executar um duo que tinham composto na vespera.

Foi o canto do cisne, canto maravilhoso orvalhado de lagrimas, subindo ás mais inacessiveis eminencias da escala musical, e descendo a escala das notas até o ultimo grau, o quer que seja de scintilante e de extraordinario, um diluvio de trinados, uma chuva incandescente de notas cromaticas, um fogo de artificio musical impossivel de descrever; mas entretanto a pequena mancha augmentava singularmente e cobria-lhes quasi todo o rosto. Os tres rouxinoes olhavam-nas e escutavam-nas com uma anciedade pasmosa; batiam as azas, iam e vinham e não podiam conservar-se no mesmo sitio.

Emfim, chegaram á ultima frase da peça; a voz tomou um caráter de sonoridade tão extranho, que era facil compreender não serem entes humanos que cantavam. Os rouxinoes tinham desaparecido.

As duas primas estavam mortas. As suas almas haviam partido com a derradeira nota. Os rouxinoes subiram direitos ao ceu para levar este canto supremo ao seu Deus, que os conservou no seu paraiso para executar a musica das duas primas.

Deus o grande fez mais tarde, com esses tres rouxinoes as almas de Palestrina, de Cimarosa e do cavaleiro Gluck.

TÉOFILE GAUTIER.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 28

Boletim de sanidade maritima declarando limpos de febre amarela os portos das provincias do Rio de Janeiro e o porto de Santos, na provincia de S. Paulo.

Decreto alterando algumas disposições sobre o imposto do sêlo nos bilhetes de loterias estrangeiras.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Decreto autorisando a troca de vales do correio entre o continente, ilhas adjacentes e as provincias de Angola, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Moçambique.

Diario de 29

Decreto determinando que o sr. Henrique de Macedo reassuma as suas funções de ministro da marinha.

Boletim da guarda fiscal.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Telegrafia

Londres, 27.—Tem-se como provavel haver modificação ministerial no fim de outubro.

O *Morning Post* não crê nas entrevistas do sr. Stouraza, ministro da Romania, com o conde Kalnoki, e que o principe de Bismark tratasse de crear uma federação balkanica, sob a presidencia do rei Carlos.

Constantinopla, 27. — O embaixador francez inaugurou hoje na ilha de Prisikipo um templo catolico. Monsenhor Roteli, delegado apostolico, oficiando de pontifical, pronunciou um discurso em que reconheceu os imensos serviços prestados no Oriente á civilisação e principalmente á egreja romana pela grande nação franceza, e elogiou muito os sentimentos elevados e tolerantes do sultão.

Paris, 27.—O presidente do conselho, sr. Freycinet, partiu esta tarde para Toulouse, onde ámanhã assistirá a um banquete e pronunciará um grande discurso.

Está definitivamente marcado o dia 14 de outubro para a abertura das camaras.

Sofia, 27. — O general Kaublars, agente diplomatico da Russia, entregou ao governo da regencia uma nota expondo que a convocação da grande assembleia bulgara sem um longo periodo eleitoral seria ilegal e portanto nulas as suas decisões; aconselha, pois, a regencia a adiar as eleições, deixar acalmar o paiz, levantar o estado de sitio e pôr em liberdade os individuos detidos por motivos politicos.

Madrid, 28.—Um guarda da policia civil surpreendeu e prendeu um rapaz que estava colocando um cartucho de dinamite, embrulhado em um lenço e com a mecha acêsa, sobre uma janela do palacio da capitania geral, onde atualmente reside o general Pavia.

Madrid, 28.—Chegou a Madrid o sr. Emilio Castelar. O conselho de guerra, formado de generaes, que ha de julgar o brigadeiro Vilacampa, deve reunir-se provavelmente ámanhã.

Consta ao jornal *El Correo* que a alfandega de Camoronbon, na Catalunha, apreendeu quatro caixas com espingardas vindas de França.

Não é verdadeiro o boato de ter o sr. Eusebio Blasco enviado padrinhos em Paris ao Ruiz Zorrila, por este haver formalmente desmentido as informações dadas por aquele sr. ao jornal o *Figaro*.

Sofia, 28.—O general Kaublars, agente diplomatico da Russia, ao entregar hontem a nota do seu governo, usou de uma linguagem severa com o governo bulgaro da regencia, exprobando-lhe os actos de desconfiança e mesmo de hostilidade para com a Russia. Pediu que haja um intervalo de dois mezes entre o levantamento do estado de sitio e a eleição do principe.

Assegura-se que o governo bulgaro não está nada impressionado com esta atitude do general Kaublars, e que vae responder á nota russa em termos conciliadores, mas firmes.

Pernambuco, 28.—Chegou antebontem a Pernambuco, vindo da Europa, o paquete inglez *Aconcagua* da Companhia Navegação do Pacifico.

Paris, 28.—O sr. Freicinet, no discurso proferido hoje em Toulouse, convidou todos os republicanos a unirem-se e a trabalharem para a reforma das finanças publicas; disse que a França quer a paz, mas comtanto que essa paz nada custe á sua dignidade. O discurso foi muito aplaudido.

Rio de Janeiro, 29.—Chegou hoje a este porto, vindo da Europa, o paquete *Elbe*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

Madrid, 29.—O processo do brigadeiro Vilacampa foi hoje entregue ao seu defensor o general Ruiz Dana, que tem o praso de 48 horas para redigir a defeza. O ministerio publico pede a pena de morte.

S. Petersburgo, 29.—O *Mensageiro Oficial* publica um decreto determinando que, visto o colera estar espalhado pela Europa, os viajantes d'ahi procedentes sejam submetidos a uma inspeção medica nas fronteiras terrestres do lado da Austria e da Romania, e que se estabeleçam tambem postos de vigilancia sanitaria para os navios em Reni, Ismail e Kilia.

Paris, 29.—O sr. Freycinet partiu hoje para Montpelier, onde pronunciará um outro discurso. Os jornaes parisienses aplaudem quasi todos o discurso proferido em Toulouse.

Bruxelas, 29.—Os operarios de Charleroi, em numero de 3:000, fizeram hoje n'aquela cidade uma grande manifestação socialista, arvorando bandeira vermelha.

Londres, 30.—Segundo o *Morning Post* afirma, o governo bulgaro pediu a intervenção das potencias para que a Russia desista das suas exigencias, que são inaceitaveis.

Paris, 30.—Os jornaes alemães, inglezes e italianos consignam o alcance pacifico do discurso proferido pelo sr. Freycinet, em Toulouse.

Carta de Lisboa

Lisboa, 1 de outubro de 1886.

Havia e ha grande carestia de noticias, mas para remediar este mal, a policia acaba de alcançar um fio condutor que a leva á descoberta d'uma longa série de crimes todos em si gravissimos, pois tem por base o aborto. Na minha carta seguinte espero dar-lhe desenvolvidas noticias sobre o caso, pois por em quanto é quasi que tudo segredo da policia.

— O jantar dado na terça-feira no paço foi de 60 talheres e terminou ás 10 horas da noite. O baile esteve muito animado, terminando ás 4 horas da madrugada. A princeza D. Amelia assistiu ao principio, dansando a primeira quadrilha.

— Foi permitida a troca entre o aspirante da alfandega de Lisboa, sr. Augusto Paes, e o aspirante da do Porto, sr. Albano Cunha.

— Foi transferido para o 1.º distrito do Porto o chefe do distrito fiscal de Bragança sr. Sebastião Rebelo Feio; e para Bragança, foi o sr. Pedro Alcantara Teles da Mota, que estava n'essa cidade.

— Foi exonerado, como requereu, o escrivão de direito de Redondo.

— Foram transferidos os escrivães de fazenda do Seixal para o Barreiro e d'este para a repartição de fazenda de Lisboa.

— Foi nomeado escrivão para o Seixal o escriturario de Armamar.

— O sr. Viana Bastos, 1.º tenente, foi exonerado de delegado maritimo em Cascaes.

— Diz-se que brevemente serão decretadas algumas alterações nos uniformes militares, sendo uma d'elas a supressão das polainas.

— Foi elevado a conde o sr. visconde dos Olivaes.

— Foi nomeado conservador em Macedo de Cavaleiros o sr. Manuel José Alves Moraes.

— Foi nomeado escrivão de direito em Lamego o sr. Gaspar da Rocha Diniz.

— Regressou a Lisboa o capitão tenente sr. Neves Ferreira, governador do Congo, que para ali partira em dezembro d'este ano.

— A companhia do teatro de D. Maria II parte do Rio de Janeiro, de regresso para Lisboa, no dia 6 de outubro.

— Celebrou-se ante-hontem, á 1 e meia da tarde, na Sé Patriarchal, um *Te-Deum* em ação de graças pelo feliz regresso de sua magestade el-rei. Esta ceremonia não teve caráter oficial.

— El-rei assistiu hontem ao lançamento da canhoneira *Zambeze*, operação que correu perfeitamente. Quando o navio caiu na agua foram erguidos calorosos vivas a S. M. e á industria portugueza. Deram salvas reaes o couraçado *Vasco da Gama* e a corveta *Afonso d'Albuquerque*, e a corveta austriaca ancorada no nosso porto. Era grande a concorrencia no Arsenal da Marinha, onde se viam os ministros, oficiaes da armada, etc.

— A alfandega de Lisboa rendeu no mez de setembro 1.414:743$026 reis, mais 165:087$284 do que em igual periodo do ano anterior.

— Tomou posse do logar de bibliotecario-mór da Biblioteca Publica de Lisboa o sr. Antonio Enes.

— Reuniu hontem a assembleia geral da Caixa de Aposentações para dar cumprimento ao decreto de 23 de agosto ultimo. Foram eleitos para os diversos cargos os seguintes senhores: Assembleia geral—Presidente, conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho; vice-presidente, dr. Antonio Correia Barata; secretarios, Bernardo de Carvalho e Miguel Coutinho. Direção—Ferreira Lobo, Luiz Perestrelo e Francisco de Albuquerque; tesoureiro, Gomes de Araujo; secretarios João Miguel Smith e Carlos Palhares. Comissão especial para os estatutos—Pereira Carrilho, Correia Barata e Ferreira Lobo.

— Foram propostos: ajudante do Real Colegio Militar, o sr. capitão Cristovão Adolfo Ribeiro da Fonseca; e regente do estudo, o sr. tenente Tamagnini Barbosa.

— El-rei mandou felicitar a imperatriz da Alemanha pelo seu aniversario natalicio e entregar á princeza Maria Luiza as insignias da Ordem de Santa Isabel.

Y.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A ALCOVA DAS PRINCEZAS E RAINHAS

Grande romance historico

POR

JULIO BAUJOINT

TRADUCÇÃO DE J. G. COSTA

Scenas escandalosas da vida de diversas princezas e rainhas, em que figuram Cléopatra. Messalina, Joanna, rainha de Jérusalem, Catharina II, da Russia; Leonor Telles, de Portugal; Maria Stuart, Maria de Médicis, Anna d'Austria, e tantas outras rainhas, e que revelando os terriveis mysterios da torre de Nesle, termina em Maria Antonietta, cuja cabeça enbranquecida na prisão n'uma noite de angustia, caiu no cesto da Guilhotina.

10 rs. cada folha de 8 paginas—Estampas a 10 rs.—50 rs. semanaes por 5 folhas ou 4 e uma estampa.

Brindes aos angariadores de 6 a 40 assignaturas.

Dão-se prospectos no escriptorio da Empreza Noites Romanticas, de F. N. Collares—editor Rua da Atalaya, 18, 1.º—Lisboa—em todas as estações telegraphicas e livrarias do reino.

LIVRARIA DE MELO GUIMARÃES
Aveiro

Almanack de Lembranças para 1887.
Preço cartonado 320 e brochado 240 rs

ALMANACH
DAS
SENHORAS
PARA 1887
PORTUGAL E BRAZIL

Publicado sob a protecção de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia—Illustrado com o retrato e biographia de Eduardo Garrido.—17.º anno.

Por D. GUIOMAR TORREZÃO

Um volume de 340 paginas, nitidamente impresso na acreditada typographia Lallemant, collaborado pelos principaes escriptores de Portugal, Brazil, França, etc.; ampliado de differentes tabellas, artigos de vulgarisação scientifica e reconhecida utilidade, anecdotas humoristicas, problemas, charadas, enygmas e logogriphos premiados, e uma desenvolvida serie de annuncios dos principaes estabelecimentos, inaugurando este anno duas novas secções de incontestavel importancia: *Atravez a sciencia* e *Conselhos uteis*.

Contém mais o almanach as seguintes gravuras, entre as quaes, ha algumas de grande formato: Princeza D. Amelia—Principe D. Carlos—Princeza Beatriz de Inglaterra—Principe de Battenberg—Lopes de Mendonça—João Rosa—Actor Santos—Amelia Vieira—Anna Judic—Actor Alvaro—Cotogni—Fidès-Devriés—Camara (Doutor)—José Ribeiro da Cunha—Thomaz Ribeiro—Thomaz de Carvalho (Doutor)—Visconde de Daupias—Senna Freitas (padre)—Concepcion de Flaquer—Beethoven—George Sand—Guilherme de Azevedo—Raphael Bordallo Pinheiro—D. Bertha Ramalho Ortigão—Frantz Liszt—D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro—Silva Porto—Sousa Pinto—Vasco da Gama—Lavoisjer—D. Helena Gomes—Henrique Barth—Columbano Bordallo Pinheiro—Bryham Yung o muitas outras gravuras.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto, e nas ilhas, provincias, possessões ultramarinas, etc.

Em Aveiro—David da Silva Mello Guimarães.

PREÇO: brochado, 240 réis; cartonado 320 réis.

Deposito principal do Almanach, livraria Tavares Cardoso & Irmão, largo do Camões (vulgo Rocio) 5 e 6, onde faz abatimento para revender.

Redacção, onde ha collecções do mesmo Almanach, rua de S. Bento, 218.—LISBOA.

BIBLIOTECA SECRETA
LEITURA SÓ PARA HOMENS

ROMANCE DE UMA ALCOVA

Aventuras galantes
d'uma mulher mundana

Já começou a publicação d'este excelente romance, cada semana publicam-se 4 folhas, o preço é de 10 reis cada folha, gravuras gratis.

Todos os assignantes e correspondentes teem um brinde mensal do valor provavel de 7:000$ ou do valor realisavel de 4$500 reis.

Nas terras onde não ha correspondentes, a assignatura será mensal paga adiantadamente, o assignante deverá remeter a quantia de 200 reis de 20 folhas, ao gerente da empreza, Lisboa—20, Rua dos Douradores 20.

EMPREZA EDITORA—LUCAS & F.º
Rua do Diario de Noticias, 93
LISBOA

DIRETOR LITERARIO
(Do 5.º volume em deante)
DR. L. A. ALVES DE FREITAS

BIBLIOTECA DOS POBRES
Publicação instrutiva e amena
UNICA
No seu genero
e sem precedentes em Portugal

Publicação mensal em livros de 64 paginas, custando apenas 60 reis cada livro!

NOVISSIMA LEGISLAÇÃO

CODIGO ADMINISTRATIVO. approvado por decreto com força de lei de 17 de julho de 1886, copiado fielmente da edição official, revisto com todo o escrupulo, e impresso em bom papel.—Preço 200 reis. Pelo correio, 220 reis.

APOSENTAÇÕES DOS EMPREGADOS CIVIS e reforma dos empregados e operarios são comprehendidos no decreto ácerca das aposentações dos empregados civis. Decreto de 17 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO DE FAZENDA nos districtos e concelhos do reino. Approvada por decreto de 23 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DOS SERVIÇOS TECHNICOS DE OBRAS PUBLICAS. Decreto de 24 de julho de 1886.—Preço 60 reis. Pelo correio, 70 reis.

REFORMA DA INSTRUCÇÃO SECUNDARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

REFORMA DA ORGANISAÇÃO JUDICIARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886 e regulamento para a execução do referido decreto.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO EXTERNO DOS CORREIOS, TELEGRAPHOS E PHAROES. Approvado por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

LEI ELEITORAL de 21 de maio de 1884.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

A' venda na Livraria Gutenberg de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 64 a 68—PORTO.

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno	4$000
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.

ANUNCIOS

AGRADECIMENTO

232 FRANCISCO DOS REIS, agradece, em nome da sua sociedade, ao sr. Guilherme Maria Sant'Ana e ao sr. Serafim, a promptidão com que dispensou este sr. para ir coadjuvar a sua filarmonica, á festividade da Senhora da Saude, na Costa Nova do Prado.

DIREÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS
DO
DISTRITO D'AVEIRO

Estrada real n.º 42 de Vizeu ao Porto

Lanço do Moradal a Santa Cruz

ARREMATAÇÃO

231 PELA Direção das obras publicas do distrito d'Aveiro se faz publico que no dia 16 d'outubro, pelas 11 horas, serão recebidas perante a administração d'este concelho, propostas em carta fechada para a execução de terraplenagens e fornecimentos de alvenaria, cantaria, cal, saibro e lagedo necessarios para ser realisado parte do referido lanço entre os perfis 0 e 97, na extensão de 1:801m,76.

BASES DE LICITAÇÃO

Terraplenagens completas	1:600:000
Fornecimento de 120m. c.,0 d'alvenaria	60:000
Idem de 3m. c.,0 de cantaria em desbaste	14:400
Idem de 20m. c.,0 de lagedo	72:000
Idem de 8m. c.,0 de cal viva	48:000

São prevenidos os interessados de que ninguem será admitido ao concurso sem que previamente prove por documento autentico ter feito na Caixa Geral dos depositos, ou em qualquer das suas delegações, um deposito provisorio de tres por cento sobre a base de licitação. Esse deposito será de cinco por cento para a adjudicação.

Todas as condições e mais esclarecimentos sobre este concurso estão desde já patentes n'esta secretaria todos os dias não santificados.

Aveiro e secretaria da Direção das obras publicas, 30 de setembro de 1886.

O engenheiro diretor
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem [illegible] e Drogaria M[illegible]

Deposito em Av[illegible] Junior.

REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 10

230 A Comissão nomeada por ordem regimental de 28 do corrente, faz publico que no dia 15 d'outubro pelas 11 horas da manhã procederá por meio de arrematação á compra dos seguintes artigos:

270 marmitas, 217 mochilas de viveres, 18 prisões de cabrestilho, 16 sacos para cevada, 41 almofaças, 18 brussas, 47 luvas, e oito mandis.

Cada um dos proponentes deverá entregar a sua proposta em carta fechada até ás 10 horas da manhã do dito dia 15 d'outubro, e depositará no cofre do conselho administrativo a quantia de vinte mil reis.

Os padrões e mais condições acham-se patentes na secretaria do regimento.

Quartel em Aveiro 29 de setembro de 1886.

O Secretario da Comissão
Jacintho Loureiro dos Santos.
1.º sargento

Quasi de graça

154 POR liquidação se vende com 75 p. c. abaixo do preço da fabrica uma enorme quantidade de relogios e de prata Alfinide, proveniente do quebramento das fabricas reunidas de relogios e prata Alfinide.

Por 3$500 reis um bom relogio portatil. Por este preço baratissimo podem receber um finissimo relogio para senhoras ou senhores, «d'or Souble» ou de «Plaquet» repassado, o que não se póde distinguir dos relogios de verdadeiro ouro ou prata. No commercio é o preço d'elles o decuplo. Garantido por 4 annos.

Por 4$000 reis um relogio de «Argentina» ancre, com um optimo machenismo de precisão. Garantido por 5 annos.

Por 4$300 reis mandamos um magnifico relogio portatil «Repertoir de Plaquet» ou de verdadeiro «or double» arregalado com machenismo artificial. *Ultima novidade de Vienna*, chamado «Imperial-Nouveauté». Garantido por 4 annos.

Por 3$800 reis se recebe um excellente, bem arregalado e luminoso relogio de salão posto em quadro de madeira bem dourada e com estupendo quadrante empenhado da i r priv. materia luminosa a qual o faz de noite luminoso como a lua, assim que se podem ler as horas sem acender a luz.

Por 1$000 reis se recebe uma elegante cadeia de relogio de «Plaquet» que se póde transformar n'um instante em porta pena com tinteiro de caradura hermetica. Comodadissimo para todos.

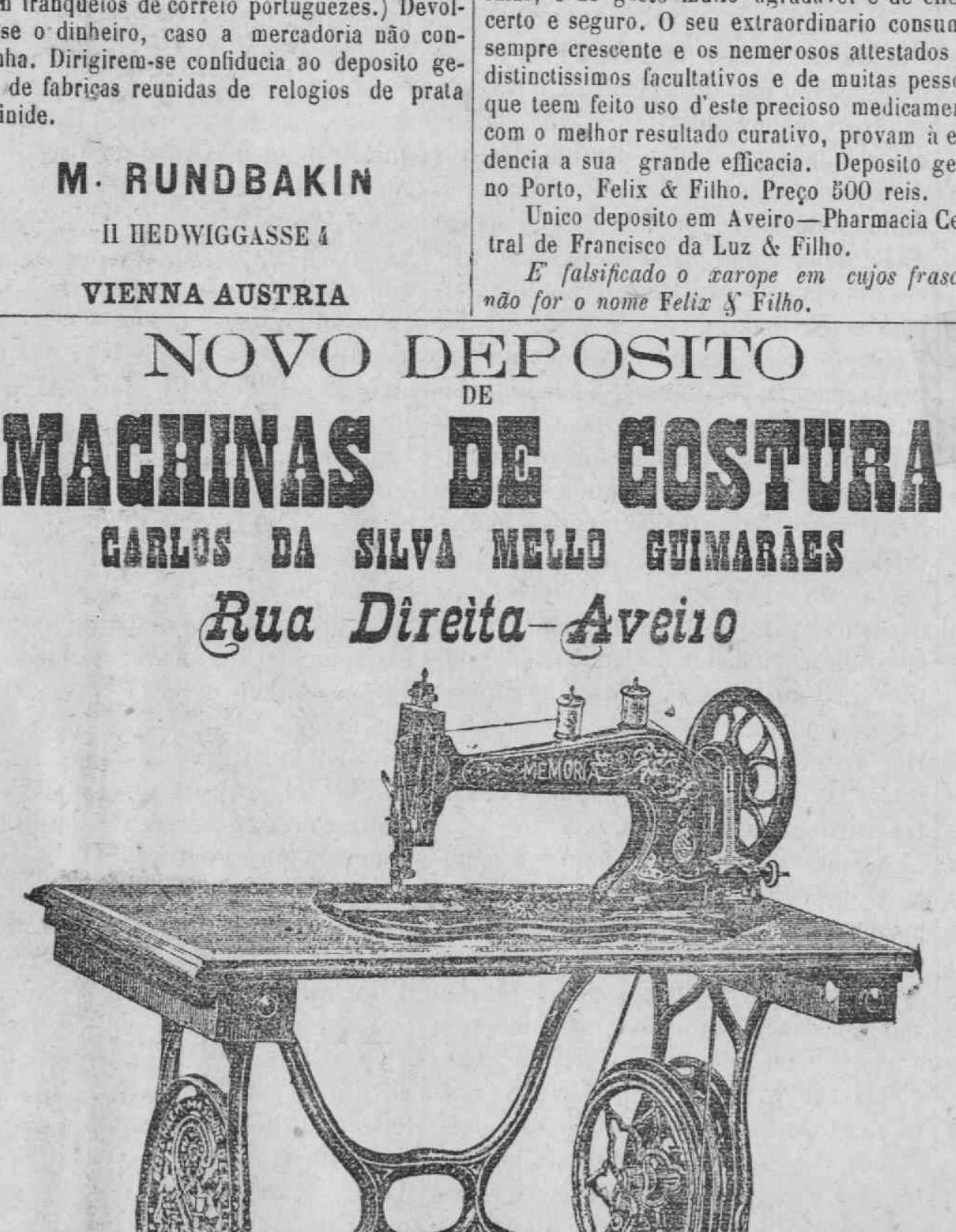
Por 6$000 se recebe um optimo relogio *emontoir* de prata verdadeira o qual representa um valor de *40$000*. Esse relogio patenreado foi distinguido com 3 medalhas d'ouro nas exposições universaes. Garantido por 5 annos.

Por 3$850 reis apenas representante sómente a metade da mão de obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa de prata Alfinide, muito fino e duradouro: 6 formosas facas de meza, 6 garfos, 6 colheres de sopa, 6 bonitas colheres de chá, 1 grande colher de terrina, 1 grande colher de legumes, 3 formosas oveiras, 2 chicaras para sobremeza, 1 formoso pimenteiro e saleiro, 1 formoso coador para chá, 3 magnificos assucareiros, 6 formosos apoios para facas Total 42 peças. Brancura garantida por 10 annos.

Enviaremos a mercadoria sempre franco de porte, se recebermos adiantadamente o importe por meio de mandado postal, valle de correio, introduzido entre Austria e Portugal desde d T.mo de Abril 1886. (Acceitaremos tambem franqueios de correio portuguezes.) Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha. Dirigirem-se confiducia ao deposito geral de fabricas reunidas de relogios de prata Alfinide.

M. RUNDBAKIN
II HEDWIGGASSE 4
VIENNA AUSTRIA

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve prem[illegible]

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me [illegible]mito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensa[illegible]uxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por [illegible] vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fa[illegible]-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENCÃO

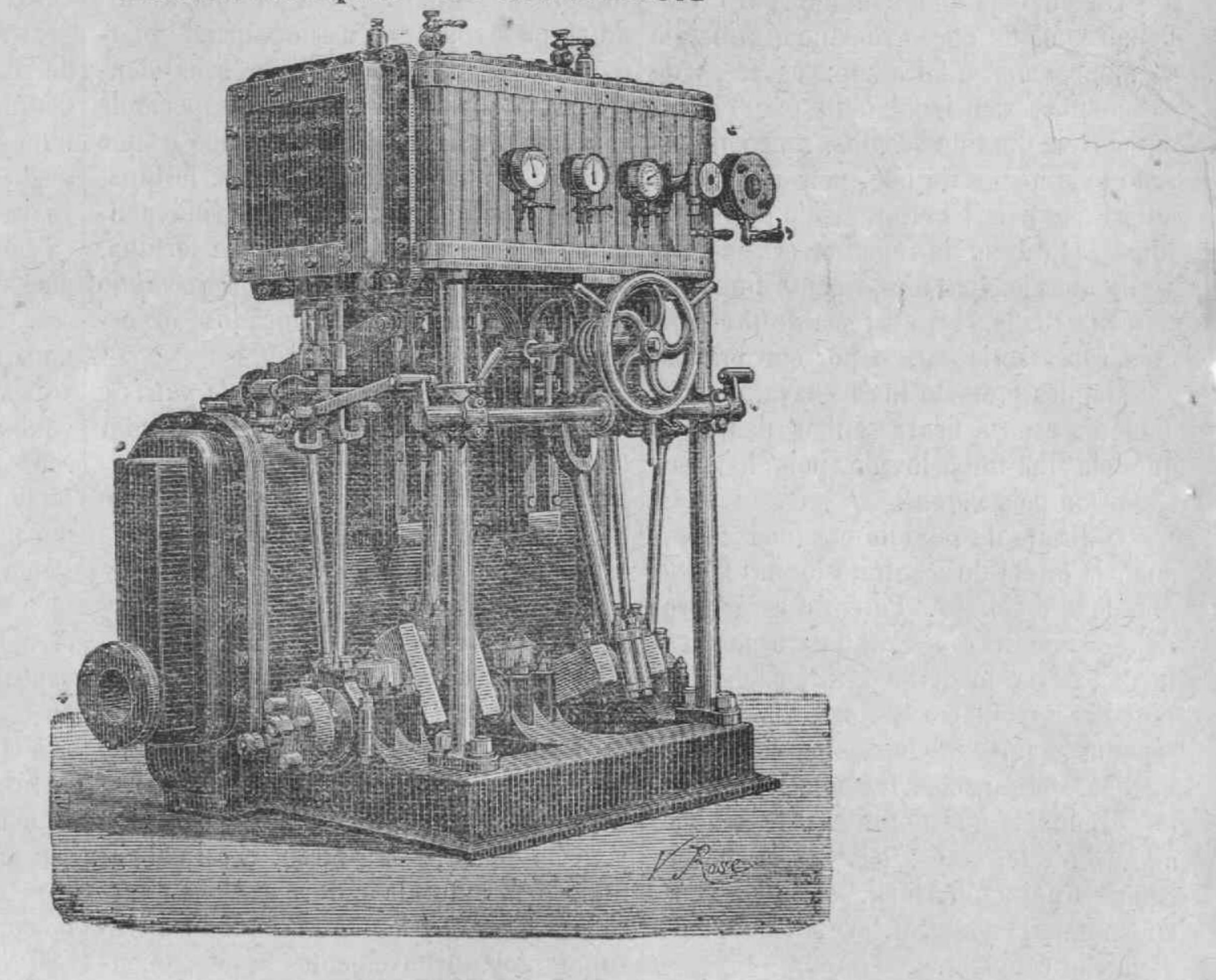
[illegible] recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre na me[illegible]sito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pelo sua [illegible]dade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão d[illegible]tos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
FUNDIÇAO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor, da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macu.*

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA. Santo Amaro. Lisboa.

LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caxas não for o nome de Felix & Filho,

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os numerosos attestados do distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam à evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

137 **ASTHMA E CATARRHO.**
Curados com os **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA
Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias
Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francese e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

As pessôas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

CONTRA A DEL[illegible]

RECOMENDAMOS o Vinho N[illegible] ne, e a Farinha Peitoral Fe[illegible] Pharmacia Franco, por se acharem [illegible] auctorisados.

Deposito em Aveiro—Pharmacia [illegible] ria Medicinal de Ribeiro Junior. 30

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79
PEGADO A' CAIXA ECONOMICA
AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de LANÇADEIRA OSCILANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO
Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.
Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.
A agulha é sempre ajustavel.
Dá dois mil pontos n'um minuto!
Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.
Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.
Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no ano de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande aceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jàmais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.
Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.
Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.
Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.
Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.